



1290002818



IE
TCC/UNICAMP Si38r



UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia - IE

CE-852 - Monografia II

CEDOC/IE

**As relações de trabalho na
Cooperativa Bonsucesso
(Campinas/SP)**

Ana Carolina Morita Forastieri da Silva

RA 991351

Prof. José Dari Krein



Campinas, outubro de 2005

2006/09/23

Relações de trabalho



UNICAMP

Universidade Estadual de Campinas

Instituto de Economia - IE

CE-852 - Monografia II

As relações de trabalho na Cooperativa Bonsucesso (Campinas/SP)

Ana Carolina Morita Forastieri da Silva

RA 991351

Prof. José Dari Krein

Campinas, outubro de 2005

Quem Se Defende

*Quem se defende porque lhes tiram o ar
Ao lhe apertar a garganta, para este há um parágrafo.
Que diz: ele agiu em legítima defesa.
Mas o mesmo parágrafo silencia
Quando vocês se defendem porque lhes tiram o pão.
E no entanto morre quem não come,
E quem não come o suficiente
Morre lentamente. Durante os anos todos em que morre,
Não lhe é permitido se defender.*

(Bertold Brecht)

Índice

1. Introdução	2
2. Transformações no Mundo do Trabalho e a Economia Solidária.....	5
2.1. A Economia Solidária	12
2.1.1. Classificação das cooperativas.....	15
3. Estudo de caso: a Cooperativa Bonsucesso	19
3.1. A ITCP/Unicamp, programa de extensão	19
3.2. Histórico da Cooperativa Bonsucesso.....	23
3.3. Perfil dos trabalhadores da Cooperativa Bonsucesso	27
3.4. Os direitos dos trabalhadores na Cooperativa Bonsucesso	37
3.5. Análise qualitativa.....	41
4. Considerações finais	51
5. Referências Bibliográficas	53
6. Anexos	56

1. Introdução

A intenção de estudar uma experiência cooperativa no âmbito da economia solidária, no município de Campinas (SP), se deu a partir de interesses acadêmicos e pessoais. Do ponto de vista pessoal, há dois anos e oito meses desenvolvemos atividade junto à Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares instalada na Universidade Estadual de Campinas (ITCP/Unicamp)¹. Tal iniciativa possibilitou-nos a oportunidade de compartilhar o conhecimento acadêmico apreendido durante os anos do curso de ciência econômica, de maneira a possibilitar e incentivar a organização popular em torno de um objetivo comum, o qual seria o de garantir a sobrevivência material dos trabalhadores² através da constituição de uma cooperativa autogestionária.

O trabalho na incubadora nos foi tão envolvente quanto nos causou revolta. Envolvente, pois a experiência de colaborar com a organização dos trabalhadores, observar sua elevação de nível da consciência e o nascimento da identificação de classe nestes, propiciando o desenvolvimento de resoluções de problemas de maneira coletiva é fascinante; e nos causaram revolta porque, por diversas vezes, nos deparamos com limites estruturais e conjunturais inerentes ao contexto econômico mundial, nacional e municipal em que vivemos.

Tais sentimentos geraram motivação o suficiente para desenvolver uma monografia que levasse a uma reflexão acerca de como o trabalho nas cooperativas pode ser uma maneira de ampliar o exercício da cidadania por parte dos trabalhadores uma vez que estes são expostos ao desafio da elaboração coletiva de resoluções para problemas/demandas. A partir do estudo das relações de trabalho nas cooperativas, pretendemos ainda distinguir as experiências concretas das cooperativas autogestionária do ideal da economia solidária, posicionando-nos criticamente com relação a Paul Singer, principal propagador deste “projeto alternativo” no Brasil.

Gostaríamos, também, de estabelecer um diálogo com os intelectuais da economia do trabalho no sentido de que não ignoramos a existência de relações informais de trabalho em um significativo número de cooperativas, pois muitas delas ainda operam sem condições de se regularizarem³, nem a existência de cooperativas criadas com o intuito de flexibilizar e precarizar as relações de trabalho,

¹ A ITCP é um programa de extensão universitária, criada pela resolução do Gabinete do Reitor (GR) 086 em 28 de agosto de 2001. Está vinculada à Pró Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários (PREAC) e tem como objetivo contribuir para o desenvolvimento da Economia Solidária, a partir da formação de grupos autogestionário e/ou cooperativas populares (www.itcp.unicamp.br).

² O uso do gênero masculino para falar das pessoas envolvidas na constituição das cooperativas se dá apenas pelas exigências da norma culta, afinal 67% da população trabalhando em cooperativas autogestionárias é composta por mulheres.

³ Para muitas cooperativas populares, o custo da legalização é muito elevado, pois recebe tratamento jurídico de uma pequena empresa, sendo que na maioria das vezes, têm faturamento que corresponde a uma microempresa.

suprimindo direitos trabalhistas. Entretanto trataremos aqui de cooperativas autênticas⁴. Sentimos necessidade de fazer esta diferenciação uma vez que nos parece relevante o processo educativo e de formação técnica e política por que passam os cooperados, no qual eles passam a enxergar a possibilidade de assumir novos papéis sociais a partir de processos educacionais desencadeados por essa nova vivência coletiva, se capacitam para gestar e gerir um empreendimento baseado em princípios de igualdade, e por fim, têm uma nova esperança com relação à sua sobrevivência, mesmo que a eficiência econômica esteja limitada *vis-à-vis* os problemas inerentes à ordem econômica vigente.

Tendo em vista nossas experiências com a incubadora e com as cooperativas, sentimos a necessidade de materializar esse acúmulo pessoal de prática e estudo nesta monografia. O tema central neste estudo monográfico diz respeito às relações de trabalho dentro das cooperativas populares. Especificamente, buscamos analisar a experiência da cooperativa de separação de resíduos recicláveis *Bonsucesso* no que tange à garantia dos direitos trabalhistas e ao processo de conscientização através da autogestão.

O grupo cooperativado *Bonsucesso* trabalha desde 2002 com a separação de materiais recicláveis provindos da coleta seletiva domiciliar organizada pelo Departamento de Limpeza Urbana (DLU) da Prefeitura Municipal de Campinas. Em sua maioria, esta é constituída por pessoas excluídas do mercado de trabalho formal, em decorrência da desestruturação do mercado de trabalho e do aumento do desemprego. A *Bonsucesso* foi escolhida para o desenvolvimento deste trabalho devido a uma relação de confiança já construída entre os cooperados e a pesquisadora, como monitora da ITCP/Unicamp, ao longo de dois anos de convívio no projeto de incubação construído em parceria com o poder público de Campinas.

Este trabalho está dividido em quatro partes. Na primeira, partindo da conjuntura econômica e das transformações no mundo do trabalho ocorridas na última década, procuramos contextualizar, no Brasil, o fenômeno recente dessa nova onda de cooperativismo, associada à economia solidária. Debates brevemente as questões teóricas acerca da mesma, abarcando alguns pontos de vista de seus críticos e argumentos de seus defensores, que entendemos ser os mais relevantes.

A segunda parte é o estudo de caso em si. A pesquisa junto à cooperativa caracterizou-se como exploratória, ou seja, foi desenvolvida com o objetivo de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo acerca do objeto, envolvendo levantamento bibliográfico e estudo de caso: “*A clara*

⁴ É relevante distinguirmos as cooperativas autênticas das “coopergatos”. Nessas cooperativas verifica-se a prática da gestão hierárquica, a não divisão das sobras anuais, a remuneração dos cooperados é fixa, não existe uma preocupação com a continuidade do processo educativo dos trabalhadores, nem com a comunidade onde a cooperativa está inserida, muito menos há a divulgação dos princípios cooperativistas.

*necessidade pelos estudos de caso surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos”*⁵ (YIN, 2005: p.21).

Quatro fontes de evidências foram utilizadas para este estudo de caso: a. Documentação: atas de reuniões, recortes de jornais e demais documentos administrativos; b. Registros arquivais: organograma da cooperativa, arquivos da ITCP/Unicamp; c. Entrevistas: fechadas e semi-dirigidas, de natureza aberta, não estruturadas, realizadas com os cooperados. As entrevistas ocorreram nas dependências da cooperativa; d. Observação participante.

Na análise quantitativa dos questionários, com base no perfil sócio-econômico dos trabalhadores, buscou-se perceber o público presente nestas iniciativas. A partir das entrevistas, tentamos reconhecer como ocorrem as relações de trabalho no interior deste empreendimento e de que maneira, estas contribuem para as transformações qualitativas pelas quais passaram os trabalhadores. Ainda com relação a estas modificações, procurou-se apreender como o trabalho na cooperativa mudou a relação dos cooperados com eles mesmos, com o trabalho e com a sociedade como um todo.

Para analisar o contexto histórico do surgimento do empreendimento solidário, fizemos um levantamento de informações em fontes secundárias sobre a Cooperativa Bonsucesso: relatórios de incubação, bancos de dados, etc. A pesquisa documental e de registros arquivais abrangeu a leitura de documentos oficiais tais como estatuto, regimento interno, atas e relatórios, tanto da cooperativa quanto da ITCP. A busca e análise de fontes bibliográficas, além de outros documentos sobre o tema da pesquisa, ocorreram paralelamente ao trabalho de campo.

Nas considerações finais, nos esforçamos por tecer algumas conclusões transitórias, as quais, esperamos que sirvam de contribuição para ao debate acerca das relações e dos direitos trabalhistas dentro das iniciativas denominadas de economia solidária.

Complementam esta monografia, as referências bibliográficas e dois anexos: o primeiro diz respeito às transcrições das entrevistas semi-dirigidas realizadas e o questionário que norteou as mesmas; o segundo apresentará o formulário do levantamento sócio-econômico dos cooperados.

⁵YIN, R. K. (2005) Estudo de caso: planejamento e métodos. Porto Alegre: Editora Bookman, 3a edição.

2. Transformações Econômicas e Cooperativismo

*Sim, ainda ganho meu sustento.
Mas acreditem: é puro acaso. Nada do que faço me
dá direito a comer a fartar.
Por acaso fui poupado.
(Se minha sorte acaba, estou perdido.).*
(Bertold Brecht, “Aos que vão nascer”).

As relações de trabalho dentro de um empreendimento cooperativo serão mais bem analisadas se entendermos que o recente ressurgimento do cooperativismo, que foi identificado como economia solidária, está intimamente ligado às mudanças ocorridas no mundo do trabalho no mesmo período, a saber, a partir dos anos 1990. Por esta razão, interessa-nos observar o movimento mais amplo que se inicia em meados dos anos 1970 e cujos desdobramentos podem ser observados no mercado de trabalho brasileiro atualmente.

A partir dessa data, temos a ocorrência de quatro processos distintos, mas intrinsecamente ligados. São eles o período de crise econômica com elevado crescimento associado a baixas taxas de crescimento, a hegemonização e difusão do ideário neoliberal, o processo de reestruturação produtiva e a globalização da economia, norteadas pelo liberalismo comercial e financeiro. A análise destes processos nos permite vislumbrar as transformações no sistema produtivo, e seus desdobramentos no que diz respeito ao mundo do trabalho.

As políticas que hoje entendemos como neoliberais, datam do final da década de 1970, e tiveram seu início com as medidas implementadas na Inglaterra, sob o governo de Margareth Thatcher. Entretanto, o neoliberalismo enquanto modelo político-ideológico pode ser observado desde a década de 1940, período no qual estas idéias não tiveram repercussão posto que o sistema capitalista atravessava sua “Época de Ouro”, combinando altas taxas de crescimento econômico, níveis de ocupação da força de trabalho próximos ao pleno emprego e baixas taxas de inflação.

Com o esgotamento do modelo de desenvolvimento do pós-guerra, a economia mundial entra em crise, dando claros sinais de saturação verificados pelo aumento da inflação, do endividamento das empresas e do desemprego (Bihr, 1998: p. 74), tornando possível a negação do Estado interventor e a conseqüente expansão do ideário (neo) liberal. Segundo Anderson (1995) ⁶, na racionalidade neoliberal, não há razão para existir quaisquer mecanismos que limitem ou direcionem a economia de mercado, pois estes poderiam se desdobrar em práticas que violariam a liberdade econômica e política dos indivíduos.

⁶ ANDERSON, P. “Balanço do Neoliberalismo”. In: SADER, E.; GENTILI, P. (Org.). *Pós-neoliberalismo: As políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

Os teóricos neoliberais interpretam uma certa desigualdade social como positiva e necessária, uma vez que funcionaria como estímulo à competitividade, à liberdade e, portanto, à democracia. Dessa maneira, o Estado deveria abandonar suas políticas sociais, pois essas visam diminuir a desigualdade social, e limitar sua intervenção no sentido de resguardar a propriedade privada e legitimar os contratos (Anderson, 1995).

Na América Latina, o neoliberalismo se consolida como modelo econômico a partir de novembro 1989, quando reunidos na capital norte-americana, funcionários do governo dos EUA, dos organismos internacionais e economistas latino-americanos discutiam um conjunto de reformas para que os países latino-americanos superassem a crise econômica e retomassem o crescimento. As características em comum da crise nas economias periféricas eram: dívida externa elevada, estagnação econômica, inflação crescente, recessão e desemprego.

As conclusões desse encontro passaram a ser denominadas informalmente como o Consenso de Washington. De acordo com Druck (1994, p. 23) ⁷, o Consenso de Washington pode ser resumido em três objetivos principais: a estabilização da economia por meio de cortes no gasto público e do combate à inflação através da âncora cambial, sobrevalorizando as moedas nacionais; a reestruturação do papel do Estado na economia, através de um programa de privatizações, desregulamentação e liberalização dos mercados; e por fim, abertura tanto comercial como financeira da economia para atrair investimentos internacionais e alavancar a retomada do crescimento econômico.

Na onda da globalização neoliberal, medidas como as citadas no parágrafo anterior são adotadas no país, num contexto de baixo crescimento econômico. Como reflexo da abertura comercial e da sobrevalorização da moeda nacional, advento do Plano Real, tivemos grande impacto na maioria das empresas nacionais, as quais não estavam preparadas para a concorrência de produtos e produtores estrangeiros (Carneiro, 2002).

O recrudescimento da concorrência fez com que muitas empresas fechassem suas portas, enquanto outras passaram a implementar mudanças significativas com a introdução de inovações tecnológicas e organizacionais, buscando maior competitividade internacional por meio dos níveis de preços e da produtividade. Essa reorganização das empresas ficou conhecida como reestruturação produtiva.

Essa reestruturação produtiva foi um processo de racionalização de custos e de modernização de segmentos econômicos, com desdobramentos nocivos ao mercado de trabalho e às relações trabalhistas. A chamada rigidez foi identificada como o maior empecilho ao crescimento econômico,

⁷ DRUCK, M. G. (1994) *Terceirização: (des)fordizando a fábrica*. São Paulo: Boitempo.

sobretudo nos contratos de trabalho. Contrastando com a rigidez do período anterior, inicia-se a *flexibilização* dos processos de trabalho, dos mercados e dos produtos. (Krein & Moretto, 2005)

O mercado de trabalho brasileiro sofre os impactos dessas mudanças, facilitadas pela fragilização do movimento sindical diante do crescente desemprego. O processo de reestruturação produtiva promove expressiva destruição do emprego regular, que juntamente com a desregulamentação do trabalho⁸, vem abrindo caminho para a crescente prática do trabalho em tempo parcial, temporário ou subcontratado, bases da chamada *precarização no trabalho*.

A racionalização da produção combinada com a modernização tecnológica está tendo como um de seus principais desdobramentos o crescimento do desemprego⁹, estreitamente vinculado aos baixos níveis de crescimento econômico. Segundo Pochmann (1997)¹⁰, a qualidade e a quantidade do emprego da força de trabalho estão sendo determinadas pelas políticas macroeconômicas, pelo paradigma técnico-produtivo, pelas políticas de bem-estar social, pelos sistemas de relações de trabalho e pelas políticas de emprego desenvolvidas.

Pochmann (1999) caracteriza a década de noventa, de maneira geral, como um período de irrisório crescimento da economia (gráfico 1) e aumento significativo da taxa de desemprego (gráfico 2). O crescimento médio do produto interno bruto (PIB) brasileiro, que reflete o crescimento da economia para o período, nos anos de 1990 foi de apenas 2,67%, menor que os 3,0%¹¹, em média, da década de oitenta, considerada a década perdida (Pochmann, 1999).

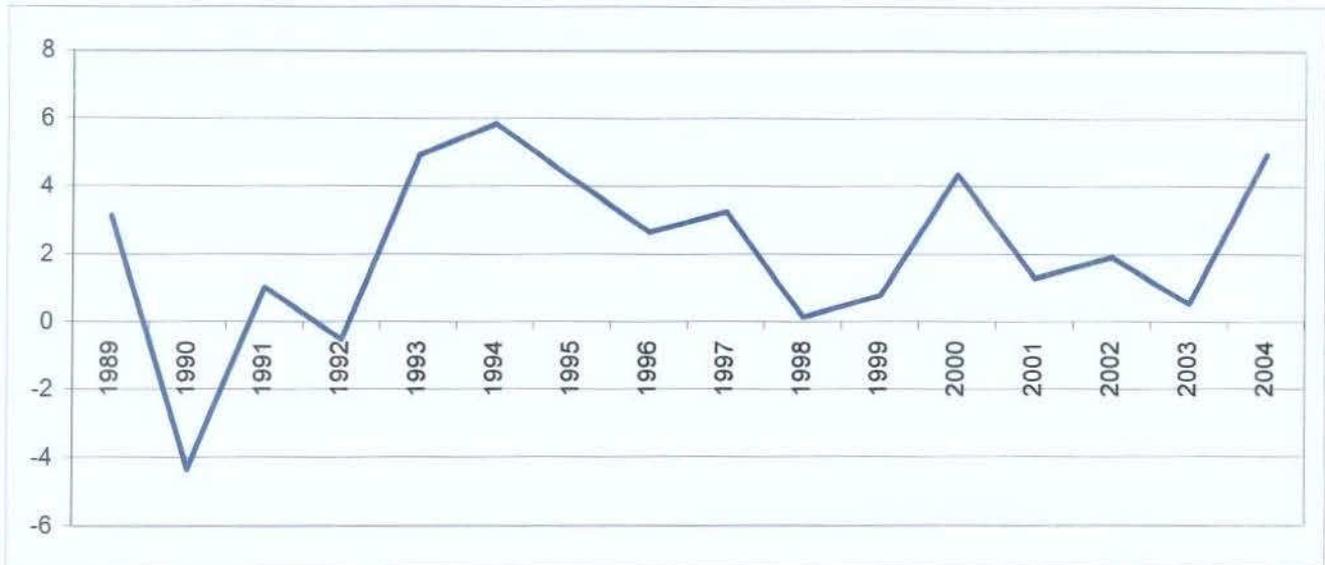
⁸ Compreendida como a eliminação de leis e direitos que regulam as relações, mercado, e condições de trabalho.

⁹ De acordo com a Pesquisa Mensal de Emprego do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (PME-IBGE), a taxa de desemprego aberto (30 dias) para seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) passou de uma média de 3,6% em 1989 para 7,9% em 2002. A partir de 2001 uma nova metodologia foi adotada, por esta nova metodologia, a taxa de desemprego média para o ano de 2003 foi de 12,3%, um ponto percentual maior do que em 2001, cuja taxa foi de 11,3%.

¹⁰ POCHMANN, M. "Políticas de emprego e renda no Brasil: algumas considerações". In: Bógus, Lúcia & Paulino, Ana Yara (orgs.). *Políticas de emprego, políticas de população e direitos sociais*. São Paulo: Educ, pp. 21-46, 1997.

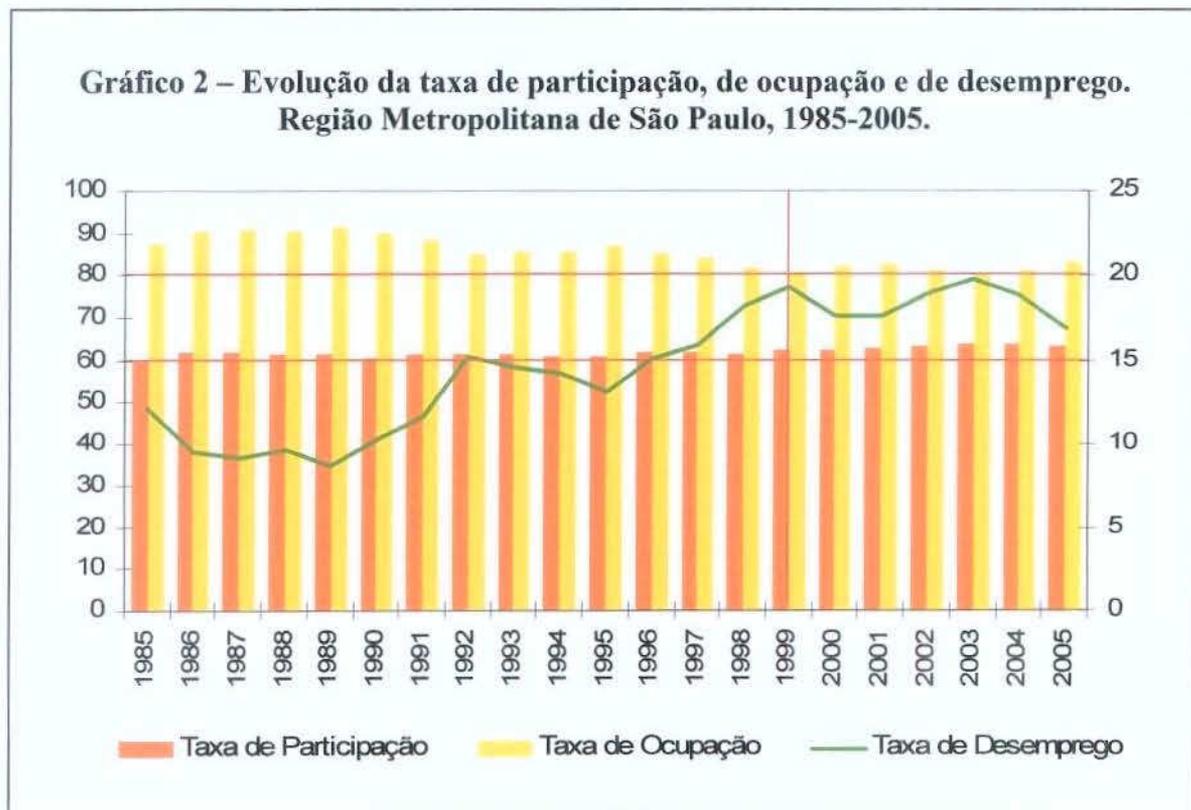
¹¹ Fonte: IPEA

Gráfico 1 - Variação real do Produto Interno Bruto do Brasil, 1989-2003.



Fonte: IBGE. Elaboração própria.

Gráfico 2 – Evolução da taxa de participação, de ocupação e de desemprego. Região Metropolitana de São Paulo, 1985-2005.



Fonte: Seade/Dieese (PED). Elaboração: KREIN, J. D. e MORETTO, A., "O crescimento da formalização do emprego: como explicá-lo?". Campinas, 2005.

A conseqüência daquelas medidas para o mercado de trabalho brasileiro, caracterizado por grande heterogeneidade e desigualdade, foi o crescimento do desemprego aberto¹² e das ocupações precárias. Observa-se de 1990 a 1992, um período recessivo que eliminou postos de trabalho, atingindo-se uma taxa de desemprego um pouco maior que 15% da população economicamente ativa (PEA). No entanto, a retomada do nível da atividade econômica a partir de 1994, com conseqüente redução do nível de desemprego, não se refletiu num aumento proporcional do emprego formal.

Ao fim, comparando-se a taxa de desemprego do final dos anos oitenta com a de 1999, ano no qual se tem a retomada do crescimento da taxa de evolução, observar-se-á que a taxa de desemprego mais que dobrou, partindo de pouco menos de 10% e atingindo os 20% da PEA, respectivamente.

De acordo com Pochmann (1999), o aumento do desemprego e das ocupações precárias tem como principais responsáveis pelas baixas taxas de crescimento aliadas às políticas macroeconômicas dos anos 1990, voltadas principalmente ao controle inflacionário e à desregulamentação dos mercados em detrimento das políticas de geração de emprego.

“As medidas macroeconômicas em curso desde 1990 promovem a desintegração da cadeia produtiva e mostram-se, até o momento, mais eficazes na destruição de parte significativa da estrutura produtiva e do emprego do que no estabelecimento de uma nova base de desenvolvimento, com forte apoio na geração de empregos” (Pochmann, 1999: p. 86)¹³.

Além do aumento da taxa de desemprego, observa-se ainda uma significativa diminuição no número absoluto de empregados com registro em carteira de trabalho¹⁴ e um aumento de empregados domésticos, sem registro em carteira e autônomos, significando um crescimento das ocupações em atividades não estruturadas (Henrique, 1998).

“Que esse aumento possa compensar o desempenho negativo da geração de empregos pelos setores mais estruturados, sustentando o nível global de ocupação urbana e,

¹² De acordo com a Fundação SEADE, o termo desemprego aberto se aplica à situação de pessoas que procuraram trabalho de maneira efetiva, nos 30 dias anteriores ao da entrevista, e também não exerceram nenhum tipo de atividade remunerada nos sete últimos dias.

¹³ POCHMANN, M. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto, 1999.

¹⁴ Associado principalmente à redução do emprego industrial.

mais, sem provocar uma deterioração dos níveis de renda da maioria dos inseridos naquelas atividades, parece mais uma questão de fé, sobretudo num contexto de baixo crescimento econômico e de baixos níveis de renda de boa parte da população” (Henrique, 1998, p. 105)¹⁵.

Como vimos, a década de noventa foi marcada pelo crescimento do desemprego e da informalidade que atingiu parte significativa da PEA. Esse elevado desemprego, o qual mais que duplicou em dez anos e permanece elevado nestes anos de 2001 a 2005, reflete a dinâmica do mercado de trabalho neste período. Entretanto, com a desvalorização da moeda nacional em 1999 associada ao crescimento econômico, temos fortes indícios para acreditar que a capacidade de geração de emprego se recuperou (Krein & Moretto, 2005).

Entre 1999 e 2001, o PIB ainda apresentou baixo ritmo de crescimento (em média, 2,2% aa), entretanto já é possível captar uma diminuição na taxa de desemprego que caiu de 19,3% em 1999 a 17,5%, em 2001. Essa reversão fica ainda mais nítida no intervalo que compreende os anos de 2002 a 2003, período no qual o ritmo de crescimento da economia cai de 1,93% para 0,54% ao ano e o desemprego variando muito pouco, de 19% a 19,9% ao ano.

A trajetória de aumento do desemprego parece mostrar uma inflexão em 1999 (gráfico 1), apresentando uma tendência à queda, ainda que tenha aumentado nos anos de 2002 e 2003¹⁶. Essa inflexão deve-se ao aumento das oportunidades de ocupação, uma vez que se tem verificado a ampliação da taxa de participação¹⁷(gráfico 1), ou seja, a taxa de desemprego vem caindo mesmo com o aumento do volume relativo da população que se encontra no mercado de trabalho. O que nos leva a crer que o novo elemento econômico é o aumento do emprego formal. Esse crescimento da ocupação tem contribuído para uma pequena redução dos elevados níveis de desemprego. Não deixando de lembrar que essa tendência à queda da taxa de desemprego está intimamente ligada à capacidade de manutenção do ritmo de crescimento da economia, que foi de 4,9% em 2004 (Krein & Moretto, 2005).

¹⁵ HENRIQUE, W. “Crise econômica e ajuste social no Brasil”. In: OLIVEIRA, M. A. (org.). *Reforma do Estado e políticas de emprego no Brasil*. Campinas (SP): IE, Unicamp, 1998.

¹⁶ Fonte: Pesquisa de emprego e desemprego PED/DIEESE.

¹⁷ A taxa de participação econômica é a relação entre a população economicamente ativa (PEA) e a população em idade ativa (PIA). DEDECCA, C. S. “Conceitos e estatísticas básicas sobre mercado de trabalho”. In: Oliveira, M. A. (org.) *Economia & Trabalho: textos básicos*. Programa de Capacitação de Gestores de Políticas de Emprego. Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho do Instituto de Economia, Unicamp. Campinas, 1998.

Mesmo com uma aparente reversão da tendência de crescimento do desemprego a partir de 1999, o gritante nível de desemprego que atingiu a média de 20% na década de noventa teve como um de seus desdobramentos o surgimento de diversas iniciativas, algumas delas ligadas ao poder público, de programas de geração de trabalho e renda ligados à economia solidária. Em nível municipal, na cidade de Campinas, durante a gestão Toninho/Izalene (PT), estabeleceu-se parcerias com a Unicamp, através da ITCP e com mais duas outras ONGs¹⁸ que, a partir de financiamento público começaram a acompanhar a formação de 305 trabalhadores separados em 20 diferentes cooperativas. Também, o governo federal, a partir de 2002, com o início do governo Lula (PT), enxerga a economia solidária como possível estratégia de programa de geração de trabalho e renda. São evidências disso: a criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE); e a articulação de recursos a partir de lançamentos de editais para projetos que tivessem como finalidade a criação e/ou manutenção de cooperativas e associações vinculadas à economia solidária que contariam com financiamento do fundo Petrobrás/Fome Zero¹⁹, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)²⁰ e da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep)²¹. É importante destacar que a maioria de tais editais contempla apenas a formação e capacitação dos trabalhadores. Para garantir uma política mais efetiva de geração de ocupação, seria necessário que os editais garantissem as condições materiais mínimas para as pessoas trabalharem, qual seja: local para trabalhar, maquinário e matéria-prima.

Apesar do direcionamento de recursos, não enxergamos a possibilidade de, através de tais programas, solucionar o problema dos elevados níveis de desocupados sem políticas macroeconômicas compromissadas com o crescimento econômico e a conseqüente geração de emprego (Pereira, 1999).

Num contexto de supressão de direitos, a falta de postos de trabalho, aliada ao irrisório oferecimento de bens e serviços mais eqüitativos por meio de políticas públicas, favorece o aparecimento de um movimento voltado para ações que possam assegurar a sobrevivência dos trabalhadores, num quadro de alta informalidade.

¹⁸ As duas ONGs são: o Centro de Referência em Cooperativismo e Associativismo (CRCA) e a Ecologia e Dignidade Humana (EDH)

¹⁹ Fonte: www.petrobras.com.br.

²⁰ Fonte: www.cnpq.br.

²¹ Fontes: www.finep.gov.br. A Finep criou um programa próprio para a criação de cooperativas, o Programa Nacional de Incubadoras (Proninc), que conta com a atuação das Incubadoras de Cooperativas sediadas nas Universidades brasileiras.

2.1. Cooperativismo

O cooperativismo esteve relacionado a pressupostos teóricos que devem ser considerados ao se estudar a realidade atual dessa forma de organização. Para tanto, recuperar-se-á, brevemente, o histórico do cooperativismo, suas idéias e seus principais precursores.

Historicamente, as cooperativas apresentaram momentos de crescimento e de declínio, tendo como principais estímulos: as crises econômicas, as mudanças no mercado de trabalho e no setor produtivo, bem como o aumento do desemprego.

A cooperação foi defendida por teóricos identificados com o pensamento socialista utópico. Um dos mais relevantes foi Robert Owen (1771-1858), cuja concepção de cooperativa significava a possibilidade de alcançar uma nova ordem econômica e social. As cooperativas iniciariam a formação de uma nova sociedade, na qual não haveria opressão. Para tanto, a socialização dos meios de produção e a organização dos trabalhadores eram fundamentais.

No entendimento de Owen, se as cooperativas produzirem mais e melhor do que as empresas tradicionais, os trabalhadores abandonariam o sistema que os oprimia. Percebia a fábrica como sendo benéfica aos trabalhadores, pois barateava os produtos, mas deveria estar sob controle da classe trabalhadora e nesta, haveria uma distribuição igual dos resultados do trabalho (Lima, 1992)²². Muitas cooperativas fecharam e o movimento cooperativista entrou em declínio, até a fundação de Rochdale²³, em 1844.

Além de Owen, contribuem para o debate sobre o cooperativismo, outros pensadores como Charles Fourier e Charles Guide. O francês Charles Guide (1847-1932) defendia a substituição do sistema capitalista por uma “república cooperativa”. Também, Charles Fourier (1772-1837) entendia que a cooperativa era um instrumento de luta que possibilitaria a superação do capitalismo e a conquista do socialismo.

Do mesmo modo, os “Princípios Cooperativos” (Pinho, 1963) quando foram proclamados, definidos pelos “Pioneiros de Rochdale”, acompanhavam um projeto de reforma econômica e social em resposta aos efeitos sociais da primeira Revolução Industrial. Seus principais pontos relacionavam-se à formação de capital, por meio de economias realizadas nas compras comuns de alimentos; construção

²² LIMA, M. F. *Cooperativismo brasileiro: fundamentos teóricos*. Instituto de Economia, UNICAMP. Campinas, 1992.

²³ Rochdale é a experiência considerada símbolo para a organização cooperativa. Em 1844, na Inglaterra, um grupo de operários de tecelagens se uniu com o objetivo de encontrar uma alternativa para sobreviverem ao desemprego causado pela introdução do tear mecânico, fundando um armazém de gêneros de primeira necessidade sob forma de cooperativa (Galvão, 2004).

de casas ou alojamentos a preço de custo; criação de organizações agrícolas e industriais que produziriam com melhores preços os produtos necessários aos operários, assegurando, concomitantemente, trabalho para os desempregados; educação e luta contra o alcoolismo; e por fim, a criação de comunidades para produção e distribuição dos produtos, garantindo a cooperação integral. Atualmente, os princípios são os seguintes:

- “1. *Adesão livre e voluntária;*
2. *Controle democrático pelos sócios;*
3. *Participação econômica do sócio;*
4. *Autonomia e independência;*
5. *Educação, treinamento e informação;*
6. *Cooperação entre cooperativas;*
7. *Preocupação com a comunidade”* (Singer, 2002)²⁴.

De acordo com Singer, a defesa intransigente destes princípios garantiria a participação de todos os envolvidos, abrindo-se a possibilidade de uma nova consciência sobre o papel produtivo e as relações sociais dos trabalhadores, através da reconstrução de valores como os da solidariedade, da ajuda mútua e das ações coletivas. Hoje em dia, o movimento de expansão do número de cooperativas está associado a um movimento mais amplo, a saber, a chamada economia solidária.

Como indicado por Quijano (2002), a crise do capitalismo favoreceu o fenômeno da exclusão social, reflexo da redução do emprego assalariado, e a criação de estratégias de sobrevivência para os trabalhadores desempregados. Recentemente, a economia solidária apresenta-se, na maioria das experiências, como uma estratégia de sobrevivência desses trabalhadores. No Brasil, a economia solidária consiste num movimento formado por cooperativas de produção ou de serviços constituídos por trabalhadores que, na maior parte dos casos, encontram-se excluídos do mercado de trabalho formal (Singer, 2002).

Segundo Singer (2000), mais do que um instrumento de inclusão social, a economia solidária apresenta-se também como instrumento de um novo sistema social, onde seu caráter revolucionário supera seu caráter de medida paliativa contra o desemprego e a exclusão. Seu caráter revolucionário consistiria na forma gerencial do empreendimento, compartilhado e democrático, que denomina de autogestão. Além disso, Singer acredita que nesse embate com o sistema capitalista, as cooperativas

²⁴ SINGER, P. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

populares e solidárias significam a diminuição do exército de reserva de trabalhadores, colaborando com os trabalhadores inseridos no mercado formal através da diminuição da competição por empregos.

Afinal, qual o alcance das experiências de economia solidária? Essa é uma questão que está longe de obter uma resposta consensual. Alguns autores sequer aceitam o uso dessa expressão. Vainer argumenta que a expressão é um paradoxo em si. Para ele, o sistema vigente está em permanente estado de guerra, no qual, fazendo alusão à teoria darwinista, os fortes devoram os fracos. Num mundo dominado pelo individualismo e pela competição, qualquer projeto de solidariedade não pode se ausentar de fazer a crítica às leis que regem a economia capitalista, conclui o autor. (Pereira, 1999)

No neoliberalismo, ao mesmo tempo em que a economia solidária ilustra uma alternativa aos trabalhadores desempregados ou subempregados, também se configura enquanto uma alternativa às empresas tradicionais, que vêem nas cooperativas a possibilidade de cortar custos através da contratação de trabalhadores, “*de cuja mão-de-obra necessitam, via interposta pessoa jurídica, sem o custo dos encargos sociais*” (Krein, Gimenez & Biavaschi, s/d.)²⁵, resultando em terceirizações precarizadoras das relações de trabalho.

Em que medida as experiências cooperativistas, mesmo involuntariamente, não estariam contribuindo para uma acomodação da classe trabalhadora ao *status quo*, levando ao abandono de lutas históricas, e inibindo o debate sobre as opções sociais alternativas ao capitalismo neoliberal? Uma defesa incontestada da economia solidária poderia terminar por sugerir que o capitalismo é inevitável, algo contra o qual não adianta sublevar-se. É o que se pode depreender da leitura da seguinte passagem:

“Contrariamente ao que se chegou a cogitar em outros momentos, já não se pode imaginar o desenvolvimento das sociedades fora da economia de mercado [...]. O problema está não apenas em reconhecer a força incontestada dos fatos, mas em retirar o peso ideológico assumido pela questão” (Gaiger et alli, 1999: p.49)²⁶.

A crítica ao projeto alternativo da economia solidária fundamenta-se em seu caráter emergencial que geralmente está por trás da constituição dos empreendimentos, o que, na maioria das vezes tem levado a uma perda na qualidade das ocupações por eles gerada. Na prática, números expressivos

²⁵ KREIN, J.D., GIMENEZ, D.M., BIAVASCHI, M. B. *As Cooperativas de mão-de-obra e os Tribunais Regionais do Trabalho*, Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

²⁶ GAIGER, L. I. et alli. “A economia solidária no Rio Grande do Sul: viabilidade e perspectivas”. *Cadernos Cedope* (Série Movimento Sociais e Cultura, n.15). São Leopoldo (RS): Unisinos, 1999. Luiz Inácio Gaiger é membro da coordenação nacional do Programa de Economia Solidária da Rede Interuniversitária de Estudos e Pesquisas (Unitrabalho).

dessas experiências podem ser classificados como estratégias de sobrevivência, ao contrário do que é defendido por Singer ao afirmar que *“a cooperativa é uma empresa socialista”* (Singer, 1999: p.86)²⁷.

No presente estudo, consideramos que a economia solidária não representa uma alternativa ao modo de produção vigente, como acreditam seus defensores, mas tampouco pode ser responsabilizada pelos graves problemas que afligem o mundo do trabalho, como querem seus detratores. Por um lado, não há porque rejeitar experiências que procuram minimizar o grave problema do desemprego. Por outro, não se pode deixar de questionar o sistema que gera essa situação. Estamos de acordo com a compreensão de Vainer:

“Não há porque abdicar de projetos históricos, nem trabalhar apenas com emergências. Isso coloca, portanto, a questão das várias escalas temporais nas quais se dá a elaboração de um projeto alternativo” (1999: p. 53 *apud* Pereira).

A experiência cooperativa pode representar uma oportunidade de reintegração ao sistema de produção, ao mesmo tempo em que proporciona uma primeira experiência de organização autônoma e de sentimento de classe entre os trabalhadores.

2.1.1. Classificação das cooperativas

Atualmente, há uma série de diferentes maneiras de se classificar as cooperativas. Procuraremos enumerar algumas dessas classificações de maneira a ilustrar alguns dos variados entendimentos do movimento cooperativista. O primeiro deles é o que compreende o cooperativismo hoje como uma parte de um todo maior denominado economia solidária. Singer elaborou uma classificação agrupando as cooperativas em: (1) cooperativas de consumo, de propriedade dos clientes, que vendem bens e serviços de qualidade e com o menor preço porque não visam a lucro (cooperativas de saúde, escolas cooperativas, cooperativas de crédito, etc.); (2) cooperativas de comercialização, formadas por pequenos e médios produtores ou coletores, que vendem a produção dos sócios e compram matéria-prima e equipamentos; (3) cooperativas de produção, que são empresas de produção coletiva, dentre as quais se encontram também as cooperativas de trabalho ou de serviços (Singer, s/d, p. 25).

²⁷ SINGER, P. “A cooperativa é uma empresa socialista”. In: GUIMARÃES, G. (org). Sindicalismo e Cooperativismo: a economia solidária em debate. São Paulo: Unitrabalho, 1999.

Pode se verificar que a classificação de Singer não distingue as cooperativas de serviço ou de trabalho das cooperativas de produção. Entretanto, de acordo com a classificação da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), que existe há mais tempo do que a formulação da economia solidária, existe diferenciação entre cooperativas de produção e de trabalho. Para a OCB, as cooperativas de trabalho constituem-se a partir de um grupo de profissionais de áreas diferenciadas, que prestarão serviços para terceiros, ou seja, as cooperativas de trabalho pressupõem a terceirização com conseqüente flexibilização de direitos trabalhistas. E as cooperativas de produção organizam todo o processo produtivo.

Para efeitos deste estudo, classificaremos as cooperativas a partir de seus princípios constitutivos. Encontramos na literatura, cooperativas denominadas autênticas, assim definidas pelo fato de indicarem compromisso com os princípios cooperativos e, portanto, cultivando valores como a participação, a autogestão e a solidariedade²⁸. As cooperativas consideradas verdadeiras, além de defenderem os interesses dos seus sócios, devem exigir certa remuneração pelos serviços dos mesmos, incluindo todos os direitos trabalhistas assegurados aos trabalhadores assalariados. A formação técnica e política proposta pelas Incubadoras, discutindo e apresentando os princípios cooperativos, abre a perspectiva de que tais valores sejam respeitados efetivamente, uma vez que, de modo geral, essas orientações são bem aceitas pelos trabalhadores.

Paralelamente a essas iniciativas, há experiências cooperativas que não possuem nenhum compromisso com tais princípios. Como analisado por Albuquerque, a prática do cooperativismo tem sido utilizada pelo setor empresarial desconsiderando ou desviando a concepção fundamental da proposta. Até mesmo a concepção taylorista se mantém, na medida em que permanece o fracionamento da empresa na forma de um conjunto de entidades autônomas que se relacionam hierarquicamente.

Adverte Albuquerque, que a complementaridade que se dá entre a empresa tradicional e o empreendimento cooperativo limita-se ao plano vertical, havendo, em lugar de integração, a hegemonia da organização tipicamente capitalista. Essas estratégias, recentemente implementadas no âmbito da gestão empresarial, pretendem assegurar, por um lado, maior produtividade do trabalho, e, por outro, aumentar as condições de competitividade das empresas. Essas propostas significam, na prática, novas formas de dominação mais apropriadas à atual conjuntura econômica, pois continuam vigentes as formas tradicionais de subordinação da força de trabalho (Albuquerque, 1998).

Cooperativas que apenas se valem de brechas legais para usufruírem de incentivos ou para baixar o custo dos encargos sociais são chamadas “coopergatos”, característica recorrente entre as

²⁸ Os princípios do cooperativismo autêntico referem-se aos princípios que nortearam a constituição das primeiras cooperativas de trabalhadores, em especial a de Rochdale.

cooperativas denominadas de trabalho ou de mão-de-obra. Tais mecanismos têm sido amplamente utilizados para a organização das falsas cooperativas, na medida em que possibilitam a utilização da legislação cooperativista com o propósito de facilitar os processos de precarização e de flexibilização das relações de trabalho.

São muitos os casos em que a constituição de cooperativas, longe de ser uma iniciativa dos próprios trabalhadores embasada nos princípios da cooperação, tem como objetivo último a diminuição do custo da mão-de-obra. Pode ser também, uma forma de fraudar o Direito do Trabalho. Nas falsas cooperativas, são reproduzidas as mesmas relações de trabalho historicamente presentes nas empresas capitalistas, caracterizadas pelo forte controle hierárquico e pela subordinação. Cabe ressaltar, inclusive, que muitas dessas experiências elevam o nível de exploração e a intensidade do trabalho para limites além dos encontrados nas empresas convencionais.

A autenticidade ou não das novas cooperativas tem gerado polêmica no debate social e acadêmico, tendo em vista a possibilidade de precarização das relações de trabalho oferecida, predominantemente, pelas falsas cooperativas. Não obstante as mazelas sociais advindas dessa precariedade, e que necessitam ser combatidas, deve ser lembrado que a realidade atual dessas organizações é muito mais complexa, devido às diversas experiências envolvidas, exigindo que o problema seja analisado de forma a contemplar suas múltiplas faces.

Pressionadas pelos interesses do capital e, de modo geral, enfrentando grandes dificuldades relativas à formação dos cooperados, as cooperativas passam atualmente por momentos difíceis que, em muitos casos, impedem a efetivação, em curto prazo, de seus princípios embaixadores. São esses princípios que determinam, num primeiro momento, a autenticidade ou não das organizações cooperativas. Assim sendo, ao se estabelecerem critérios para identificar o caráter dessas organizações, o primeiro deles diz respeito ao compromisso destas com os princípios cooperativos.

Outra polêmica refere-se à estrutura de direitos e proteção social conquistados por meio do trabalho assalariado e que não são previstos na legislação cooperativista. O trabalho assalariado garantiu uma série de benefícios que hoje estão sendo eliminados. Tendo em vista a possibilidade de crescimento do trabalho cooperativo, torna-se necessária a busca de mecanismos legais, políticos e jurídicos que assegurem aos cooperados direitos e proteção social. Entendemos que tais direitos devam ser observados ao ser analisada a autenticidade de uma cooperativa

Se, por um lado, as cooperativas estão permanentemente sob o risco de servirem ao sistema capitalista como amortecedores da luta de classes (Pereira, 1999), por outro indicam possibilidades de proporcionar uma vida menos miserável e de construção de uma nova cultura de trabalho e de participação política que leva à ampliação da cidadania.

Para melhor compreender uma cooperativa em sua dinâmica interna, traduzida nas relações de trabalho e no aprendizado cotidiano que está sendo construído por homens e mulheres, foi selecionada uma cooperativa autêntica, a *Cooperativa Bonsucesso*, para se fazer um estudo de caso que será apresentado a seguir.

3. Estudo de caso: a Cooperativa Bonsucesso

Nesta seção, pretendemos analisar a experiência da cooperativa de separação de material reciclável *Bonsucesso*. Há três anos, a cooperativa Bonsucesso tem vivenciado o acompanhamento por parte da ITCP/Unicamp. Por isso, entendemos que o papel desta foi fundamental para o desenvolvimento deste empreendimento tal como ele se encontra hoje. Por esta razão, antes de começarmos a expor o estudo de caso, introduziremos as concepções e metodologias da incubadora.

3.1. A ITCP/Unicamp, programa de extensão.

“A incubação é, antes de tudo, extensão universitária que combina ensino, aprendizado mútuo e pesquisa. A incubação é, antes de tudo, um encontro entre jovens acadêmicos e populações muito castigadas” (Heckert, 2003)²⁹.

A extensão universitária através de Incubadoras de cooperativas já acontece em quinze universidades públicas brasileiras, espalhadas de norte a sul. Estas incubadoras formam a rede de ITCPs³⁰, que ganhou importância com a recente criação da Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES, vinculada ao Ministério do Trabalho e Emprego), a qual é responsável pela elaboração de programas de fomento ao cooperativismo popular.

A extensão compõe o tripé que identifica a universidade brasileira: ensino, pesquisa e extensão. De acordo com o Plano Nacional de Extensão (PNE) a extensão é o espaço onde se articulam o conhecimento acadêmico e o conhecimento popular produzido além dos limites da Universidade, na busca por um saber socialmente referenciado e na construção de soluções e alternativas para os problemas da maior parte da sociedade.

Em novembro de 2001, foi inaugurada a Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (ITCP) sediada na Unicamp, como programa de extensão. Este programa assumiu o sentido de extensão descrito pelo PNE como seu desafio. A atuação específica da ITCP é na formação de cooperativas e/ou grupos autogestionários no sentido de fomentar a economia solidária.

²⁹ HECKERT, S. M. R. (Org.). (2003) *Cooperativismo popular: reflexões e perspectivas*. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF.

³⁰ A Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares, iniciada em 1998, surge para vincular de forma interativa e dinâmica as Incubadoras, favorecendo a transferência de tecnologias e conhecimentos. O projeto da Rede conta hoje com 19 universidades distribuídas em diferentes regiões do país. Nas reuniões da Rede são discutidas questões referentes ao trabalho desenvolvido, projetos, trocas de experiências e ações comuns. Percebe-se a existência de problemas semelhantes, como a falta de financiamento para a realização de projetos, o pouco reconhecimento do seu papel pela Universidade e as dificuldades de formação e fortalecimento dos grupos nas cooperativas. O debate quanto às metodologias de formação de cooperativas é uma constante nessas reuniões.

As unidades básicas da economia solidária são empreendimentos que funcionam sob uma gestão coletiva e respeitam os princípios da posse coletiva dos meios de produção e da divisão igualitária das retiradas entre seus sócios. A construção de tal empreendimento - que se opõe, em sua essência, à maioria das empresas que funcionam sob uma organização hierárquica e segundo o princípio da propriedade privada dos meios de produção - demanda uma intensa ação educativa tanto para a própria construção das instâncias da gestão coletiva (assembléias, conselho administrativo, conselho fiscal), quanto para a organização do espaço produtivo e do planejamento das estratégias de comercialização.

A construção de tais empreendimentos populares, formados geralmente por pessoas que estão à margem do mercado formal e de baixo nível de escolaridade, se torna possível a partir de uma ação conjunta da Universidade, do Poder Público e do grupo cooperativado. A ação da ITCP é geralmente realizada no âmbito de uma política pública que visa à geração de trabalho e renda e pressupõem políticas de transferência de renda.

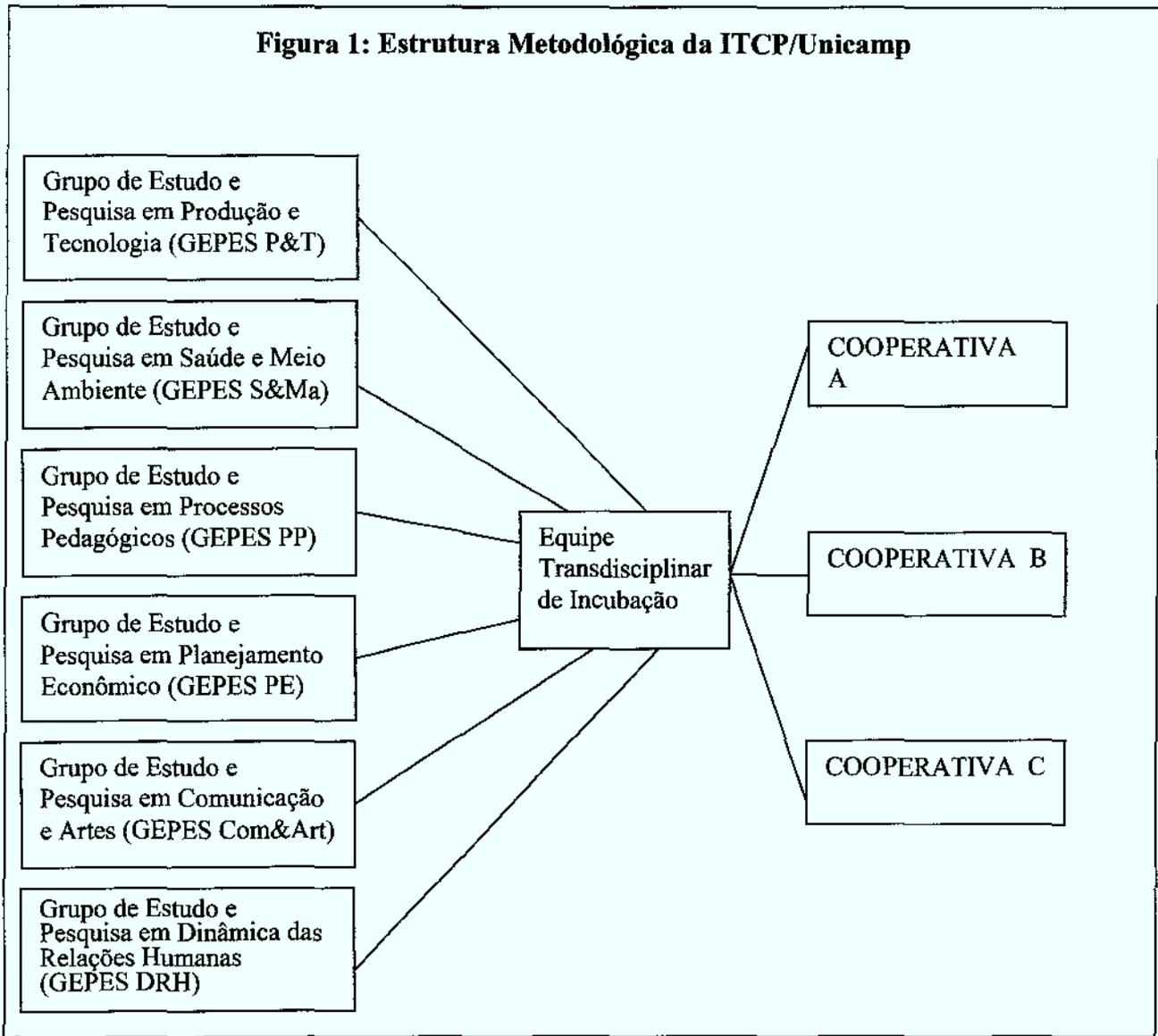
Na maioria dos projetos implementados pela incubadora, o financiamento acontece através de convênios firmados diretamente com a Unicamp, seja através de prefeituras que nos procuram, ou através de editais do governo federal específicos para a extensão universitária, para os quais concorremos através da elaboração de projetos. O Poder Público custeia³¹ as bolsas-extensão dos universitários e as condições objetivas para que os monitores possam desenvolver o projeto de acompanhamento das cooperativas, tais como: transporte para chegarmos ao local de trabalho dos grupos, material de papelaria para o desenvolvimento das oficinas e cursos, etc.

O objetivo da incubadora no acompanhamento dos grupos cooperativados é a aplicação do conhecimento acadêmico na construção de soluções coerentes com a realidade de trabalho e de gestão da cooperativa. É preciso ressaltar que a simples transferência ou aplicação direta de um saber acadêmico à cooperativa autogestionária não faz sentido uma vez que a grande maioria dos conhecimentos produzidos na Universidade, sejam eles de engenharia de produção ou da área econômica pressupõem um empreendimento com sua gestão hierárquica e com tecnologia intensiva em capital.

Para responder a esta carência de conhecimentos necessários aos empreendimentos, a ITCP está organizada sob uma estrutura que têm o estudo e a pesquisa em um pólo e o trabalho junto às cooperativas, no outro. Uma intensa atividade de planejamento da incubação, com bastante

³¹ Nem sempre é possível, mas procuramos responsabilizar o poder público no que diz respeito à estrutura física e maquinário necessário ao trabalho produtivo da cooperativa.

participação dos cooperados, ou menos participativa, une os dois extremos e une também os saberes das diversas áreas de conhecimento. A figura 1 ilustra esta estrutura.



Elaboração própria.

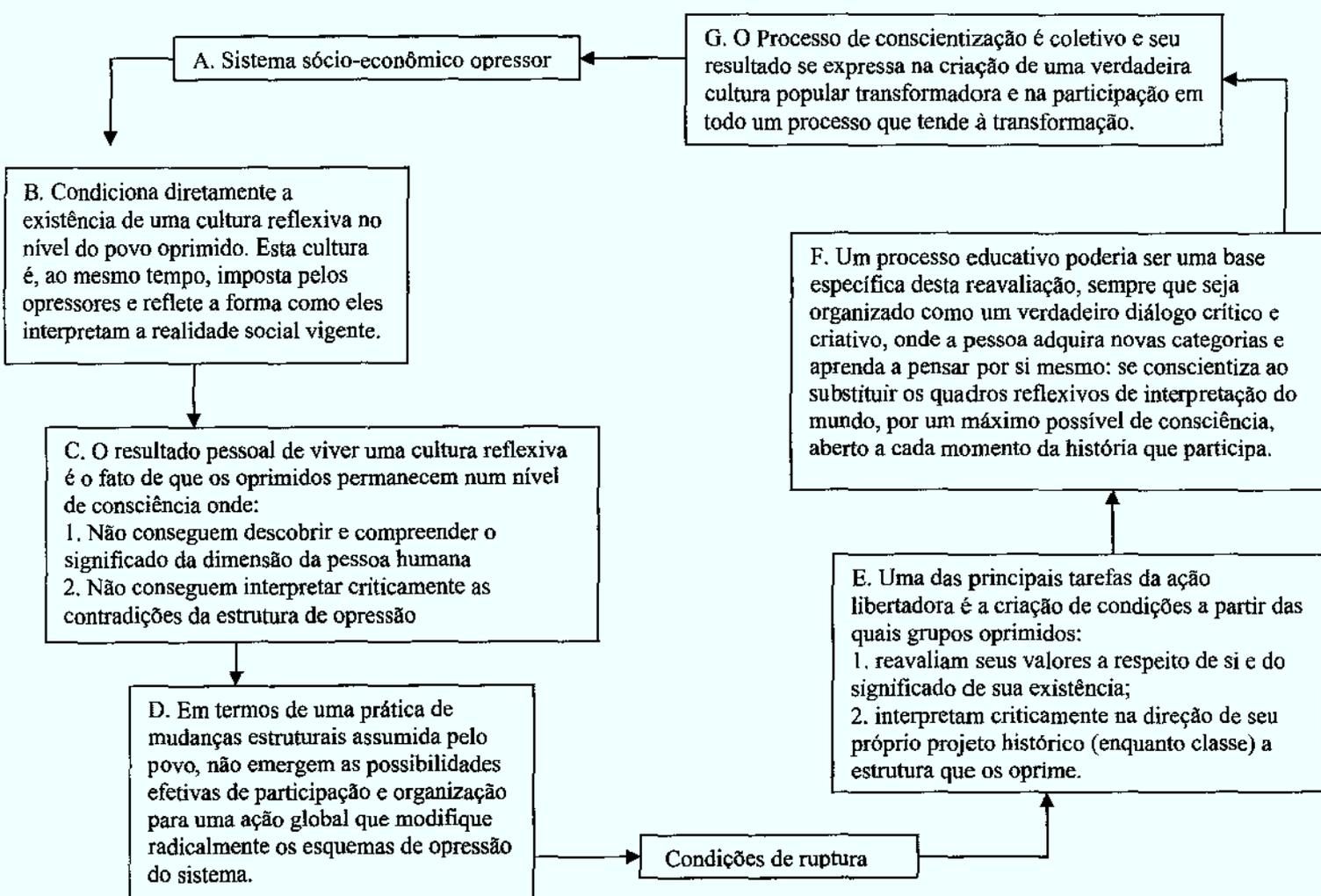
Na incubadora compreende-se o processo de incubação de uma cooperativa, como um processo educativo, mais ainda, um processo de educação popular³², inspirado em Paulo Freire. Idéia central para se entender educação popular para Paulo Freire é a de conscientização. A conscientização deve ser pautada pelo diálogo e não pela inculcação de idéias. Freire frisa que cabe aos educadores

³² O conceito de educação popular foi elaborada por Paulo Freire. Por educação popular compreende-se uma educação para o povo, para os interesses da classe trabalhadora e para evidenciar sua situação de opressão.

revolucionários não utilizar os mesmos métodos de dominação desenvolvidos pela classe burguesa. Daí a crítica à educação bancária, de doutrinação, ressaltando-se a importância do diálogo.

Através do diálogo entre diferentes saberes, o conhecimento deixa de ser um conjunto de informações estratificadas, tornando-se processo. O saber como processo se traduz em uma relação entre o contexto do educando/educador e o instrumental científico adequado, permitindo a explicitação das verdadeiras razões e origens de sua opressão. O mundo, de tal modo, se revela em construção: “*O mundo não é, está sendo*” (Freire). E o educando/educador tem a possibilidade de se descobrir enquanto sujeito histórico que tem o poder de interferir em sua realidade objetiva, também se construindo nessa ação como sujeito: a práxis transformadora (figura 2).

Figura 2: A práxis transformadora



Fonte: Freire, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987. Elaboração: Grupo de Estudo e Pesquisa em Economia Solidária (Gepes) da área de processos pedagógicos, ITCP/Unicamp.

Mesmo havendo grande rotatividade de trabalhadores durante todos estes anos, acreditamos ter se iniciado, a partir do projeto de incubação desenvolvido pela ITCP/Unicamp, a construção de uma cultura de resistência e transformação levada a cabo pelas três cooperadas mais antigas da cooperativa Bonsucesso.

3.2. Histórico da Cooperativa Bonsucesso

A cooperativa Bonsucesso foi formada por catadores que trabalhavam em um aterro sanitário localizado no distrito de Nova Aparecida, Campinas (SP). Devido ao seu fechamento, esses trabalhadores foram encaminhados pela Prefeitura Municipal de Campinas ao Programa de Geração de Trabalho e Renda desenvolvido pela Secretaria de Desenvolvimento Econômico, em 2001.

O objetivo desse programa era proporcionar aos catadores uma alternativa de ocupação e de geração de renda através da formação de uma cooperativa popular de separação de material reciclável. A partir da inclusão dos catadores no programa, inicia-se a atuação da ITCP/Unicamp³³ com um curso de introdução à economia solidária e ao cooperativismo autogestionário.

Inicialmente, a cooperativa Bonsucesso contava com vinte cooperados. Em seus quatro anos de existência operou em diversos locais, dentre eles, no próprio prédio do DLU (Departamento de Limpeza Urbana). Há dois anos está instalada em um barracão localizado no bairro Vila Padre Anchieta, em Campinas (SP).

Os cooperados já traziam consigo o conhecimento prático da atividade de separação de resíduos recicláveis a partir de suas experiências como trabalhadores autônomos no aterro. Eles separavam o material para vender individualmente aos sucateiros³⁴. O fato deles se organizarem numa cooperativa possibilitou um maior poder de negociação de preços frente aos sucateiros, uma vez que em conjunto tinham condições de separar uma maior quantidade de material, com melhor qualidade³⁵.

A cooperativa ainda é informal, ou seja, não está regularizada. Entretanto, é reconhecida pelo poder público ao participar da divisão do material reciclável do DLU através dos caminhões da empresa Ecocamp que tem a permissão de realizar a coleta seletiva na cidade.

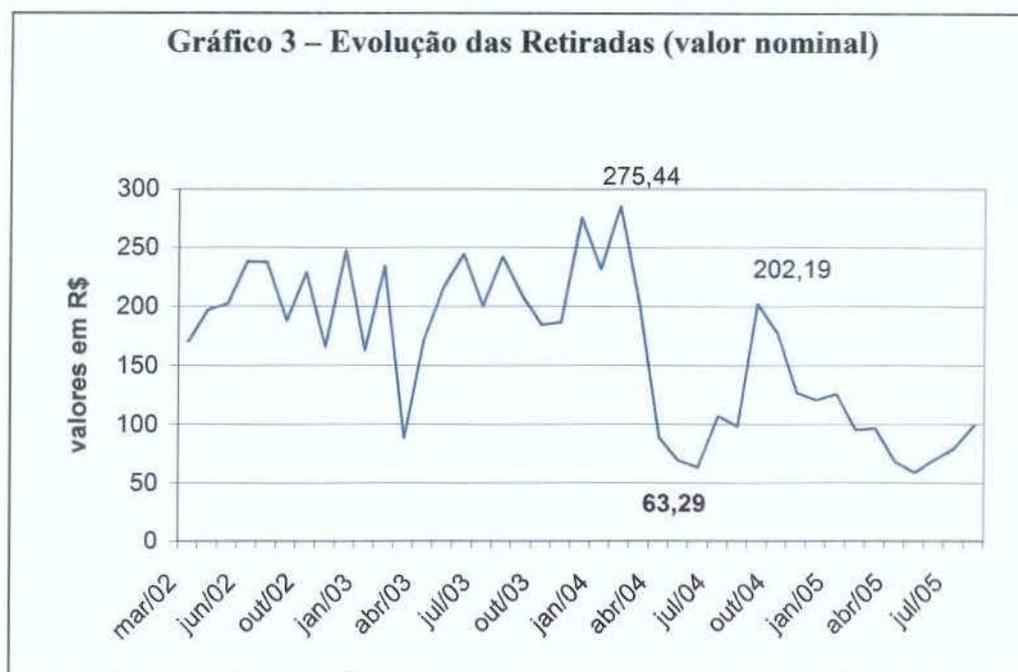
No ano de 2004, a cooperativa passou por grandes dificuldades financeiras devido a problemas no recebimento do material da coleta seletiva, uma vez que os rendimentos da cooperativa advêm da

³³ Foi firmado convênio entre a Prefeitura Municipal de Campinas e a Unicamp, previsto para durar dois anos.

³⁴ Os sucateiros são intermediários entre os catadores e as indústrias recicladoras.

³⁵ Antes comporem a cooperativa, os catadores separavam apenas os vidros, dos plásticos, dos papéis. A partir do momento em que a cooperativa passa a funcionar, é possível uma divisão de tarefas mais elaborada. Passa-se a separar os plásticos em oito diferentes tipos, o que aumenta o valor do produto ao ser vendido aos sucateiros.

separação e da venda deste material. De acordo com a presidente da cooperativa, a desorganização do calendário e dos caminhões especiais para coleta seletiva levou a má distribuição dos materiais entre as cooperativas que participam do programa. Como o grupo depende totalmente do material entregue pela empresa terceirizada responsável pela coleta de lixo no município, tal desorganização resultou numa redução brusca das retiradas³⁶, como podemos observar no gráfico 3 abaixo.



Fonte: Livro caixa da Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

Após a queda observada, restaram apenas sete pessoas na cooperativa. Em conversas com os ex-cooperados, estes alegaram que conseguiriam rendimento maior oferecendo sua força de trabalho para serviços temporários. No caso dos homens, estes se ofereciam para carpir terrenos e/ou serviços gerais de pedreiro, encanador e electricista. Já as mulheres, terminam por voltar aos trabalhos domésticos.

Em 2005, essa dificuldade foi parcialmente solucionada, mas a cooperativa ainda não se consolidou enquanto grupo, uma vez que a rotatividade de trabalhadores é muito grande. Esse problema ocasiona um maior tempo despendido para a separação do material. Como, em parte, o valor das retiradas ao final do mês depende da produtividade dos cooperados, essas maiores demoras na separação por parte dos que estão ainda aprendendo, faz com que os valores das retiradas se mantenham baixos.

³⁶ As retiradas são os rendimentos mensais dos trabalhadores das cooperativas. Mais adiante no capítulo, explicitaremos o modo como são calculadas as retiradas.

Juntamente com baixos valores das retiradas, há que se considerar a dinâmica do crescimento da economia e, conseqüentemente, do mercado de trabalho. O ano de 2004 apresentou uma taxa de crescimento de 4,94%, a maior dos últimos 10 anos, e como apresentamos na seção anterior, esta taxa de crescimento veio acompanhada de uma inflexão na tendência de crescimento da taxa de desocupação, parecendo ter aumentado o emprego formal. Entendemos que estes fatores também contribuíram para a dispersão dos trabalhadores da cooperativa Bonsucesso.

No intuito de conseguir maiores rendimentos, a cooperativa passou a desenvolver um produto diferenciado com capacidade de agregar valor a uma material que era vendido a cinco centavos o quilograma: a embalagem do tipo longa vida.

Desenvolveu-se o processo de produção de mantas térmicas de subcobertura³⁷. Em um convênio firmado entre a ITCP/Unicamp e uma empresa de construção civil em setembro de 2004, o produto passou a sofrer forte campanha de divulgação pela empresa e a cooperativa começou a produzir as mantas térmicas de subcobertura sob encomenda. Hoje em dia, a cooperativa Bonsucesso vem confeccionando e comercializando essas mantas na Região Metropolitana de Campinas. A inovação das mantas melhorou um pouco o nível da retirada dos trabalhadores, entretanto a situação estava longe de ser considerada satisfatória.

O esforço da equipe de formadores da incubadora que acompanha esse grupo tem sido no sentido de manter os trabalhadores na cooperativa, uma vez que pequenos negócios demoram até cinco anos para se estabelecerem no mercado.

Depois de dois anos funcionando em barracão alugado pela Prefeitura Municipal de Campinas, este ano (2005) a Bonsucesso foi informada de que não poderia mais funcionar naquele local, pois o barracão encontra-se em situação irregular: não possui alvará, está com o pagamento do IPTU atrasado e a proprietária não cumpriu com as determinações acordadas em contrato de melhorias na infraestrutura para o funcionamento do empreendimento³⁸.

Tal fato desencadeou um novo processo de desmobilização do grupo. No mês de junho deste ano, o despejo era dado como certo. A rotatividade dos trabalhadores ainda era constante e a linha telefônica estava cortada por falta de pagamento, resultando na paralisação da confecção das mantas por falta de encomendas.

³⁷ Resultado da pesquisa do Professor Luis Otto Faber Schmutzler, da Faculdade de Engenharia Mecânica da Unicamp, as mantas de subcobertura feitas a partir das caixinhas longa vida proporcionam conforto térmico às construções, ao serem colocadas a 5 cm do telhado.

³⁸ O Barracão não possui sistema de encanamento. Não há água para descarga nos vasos sanitários, nem nas torneiras. Para utilizarem a água, os cooperados devem se dirigir até a torneira que se encontra no registro geral, ao lado do portão do terreno.

Após pesquisas nos bairros vizinhos e muitas reuniões e pressão política por parte dos cooperados, encontrou-se um terreno público de dois mil metros quadrados para a construção de um espaço adequado para a cooperativa funcionar, num bairro próximo. Inicialmente os administradores públicos não disponibilizaram nenhum terreno próximo à região, o que na prática, significaria o fim da cooperativa, pois com retiradas tão baixas, como arcar com o preço da tarifa do transporte para todos os doze trabalhadores?

Deste momento em diante, com a organização política dos trabalhadores cooperados e da equipe de incubação, iniciou-se um movimento no sentido de buscar um local próximo à região na qual eles estavam instalados. Essa movimentação ocorreu a partir do sentimento da necessidade de aglutinar forças políticas para a manutenção da cooperativa. Para vários trabalhadores, a Bonsucesso é a única perspectiva de geração de renda, mesmo que pouca, devido à atual restrição do mercado de trabalho. Desta maneira, a idade avançada, o pouco ou nenhum estudo e problemas de saúde passam a ser empecilhos para se conseguir uma colocação no mercado de trabalho.

Com o intuito de manter a cooperativa em funcionamento, começou-se os contatos com o mandato popular da vereadora Marcela Moreira (PSOL), o subprefeito da região foi acionado e foi agendada uma reunião com a Associação de Moradores do Bairro. Foram convocadas duas assembléias do bairro cuja pauta foi sobre a instalação da cooperativa naquela área. Ao fim, deliberou-se pela realização de um plebiscito consultivo, no qual 75% dos moradores da Vila Régio, que foram consultados, mostraram-se favorável à instalação da Cooperativa Bonsucesso.

A partir da mobilização dos cooperados, o poder público empenhou R\$15.000.00 para a construção do barracão, mas o processo é muito lento, além do que este recurso é irrisório para a construção de uma infra-estrutura mínima para o trabalho de triagem de material e da confecção das mantas térmicas.

Nesses quatro meses (de maio a setembro de 2005), a pressão política junto à administração municipal teve como consequência a conquista de um terreno público para a continuidade da cooperativa. A pressão junto ao DLU (Departamento de Limpeza Urbana) questionando o procedimento na distribuição do material proveniente da coleta seletiva aumentou o volume de material que a cooperativa vem recebendo, fato que resultou em um aumento da retirada.

Os cooperados compreendem que as demandas emergenciais ainda não terminaram. Até que esse novo local de trabalho esteja em condições de funcionamento, os cooperados têm consciência de que a sua atuação será mais no sentido de pressionar os órgãos públicos, sem deixar de lado o próprio trabalho na cooperativa.

3.3. Perfil dos trabalhadores da Cooperativa Bonsucesso

Para descrever o perfil dos trabalhadores da Cooperativa Bonsucesso, olhar-se-á para dois momentos distintos na trajetória do empreendimento. Entende-se que vale a pena uma análise comparativa das características da Bonsucesso em datas diferentes devido às mudanças significativas apresentadas pelo grupo. Uma primeira parte dos dados foi registrada em maio de 2004. Este mês foi escolhido, pois compreende um período pré-crise. Este foi o último período no qual a cooperativa aglutinou um relativamente grande contingente de associados, somando ao todo dezessete participantes. Uma segunda coleta de dados realizou-se em setembro de 2005, época de início do desenvolvimento do presente estudo.

Seguem a baixo, algumas características quantitativas da Cooperativa Bonsucesso. As informações dizem respeito à análise dos dados de uma pesquisa realizada com os trabalhadores que participaram ou estavam participando da cooperativa nas datas mencionadas acima. Foram aplicados questionários fechados e semi-abertos que buscaram levantar o perfil sócio-econômico dos trabalhadores e de suas famílias.

Faixa etária dos cooperados

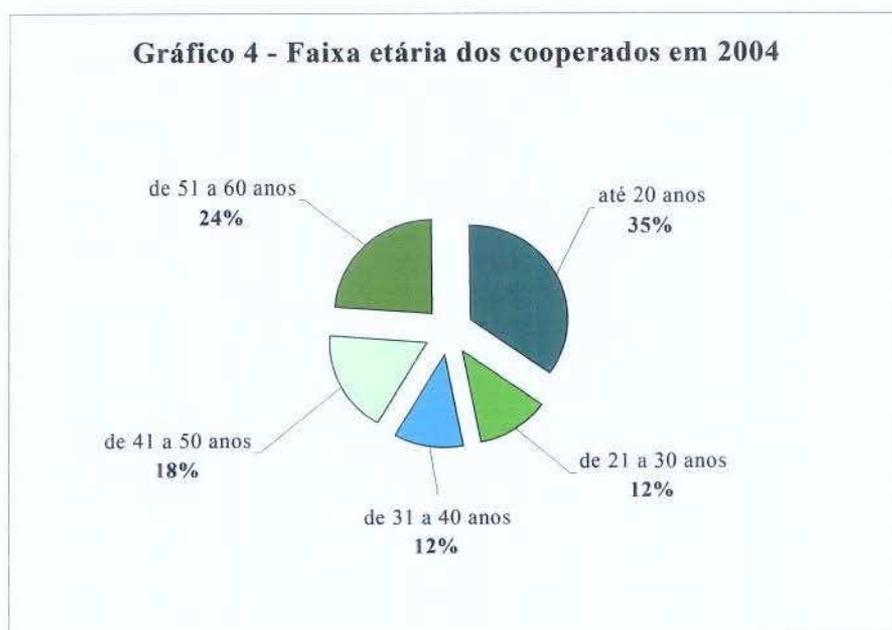
No que diz respeito à faixa etária dos cooperados, observou-se em 2004 que a maioria dos trabalhadores (35%) é jovem de até 20 anos de idade. A segunda maior faixa de idade compreendeu os trabalhadores entre 51 e 60 anos, representando 24% da cooperativa (gráfico 4).

Temos, em seguida, três pessoas com idade entre 41 e 50 anos, compreendendo 18% do grupo, além das faixas etárias de 21 a 30 anos e de 31 a 40 anos que apresentam apenas duas pessoas, respectivamente, representando 12% da população que frequentou o ensino regular. Podemos inferir que esses dados refletem a dificuldade de inserção no mercado formal de trabalho, tanto dos jovens como das pessoas com idade acima de 40 anos.

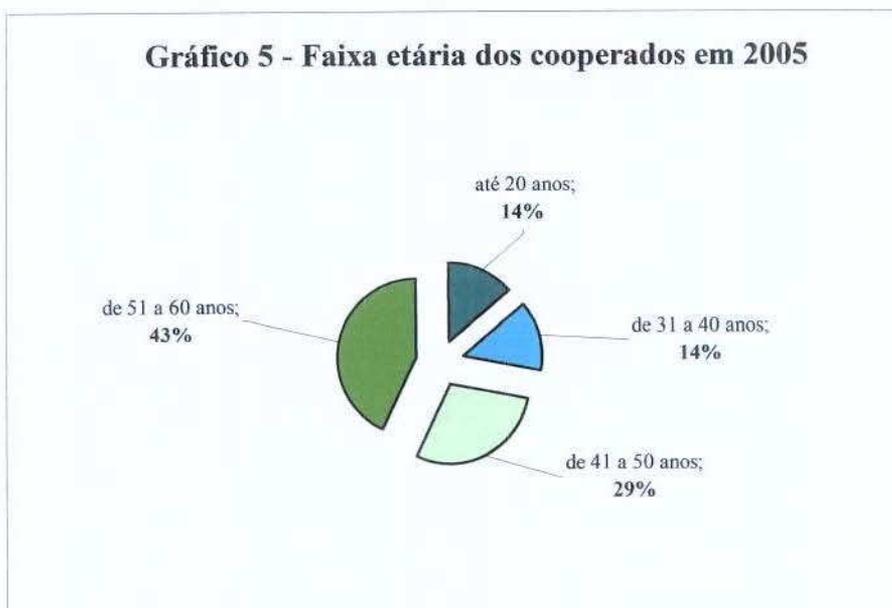
Em 2005, apenas sete pessoas compõem o grupo. Uma delas é jovem, outra tem de 31 a 40 anos, duas possuem idade entre 41 e 50 anos e três delas se encontram na faixa entre 51 e 60 anos. Pode-se verificar, desta maneira, uma alteração significativa na faixa etária dos trabalhadores da Bonsucesso. Procurou-se, através de conversas com os trabalhadores que permaneceram no empreendimento, entender a ausência da quase totalidade dos jovens no ano de 2005. Compreende-se

que o grande contingente de jovens ocupados na cooperativa optou por ocupações temporárias, pois mesmo sendo esporádicos, possibilitavam rendimentos³⁹ maiores.

Atualmente, em sua maioria, a cooperativa é formada por pessoas com idade igual ou maior que 38 anos. Com exceção do jovem, as outras três pessoas que permaneceram são mulheres chefes de família. Estas têm plena consciência de que não encontrariam uma colocação no mercado de trabalho, se não fosse a cooperativa, devido às suas idades e ao baixo nível de escolaridade, posto a restrição do mercado de trabalho formal.



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

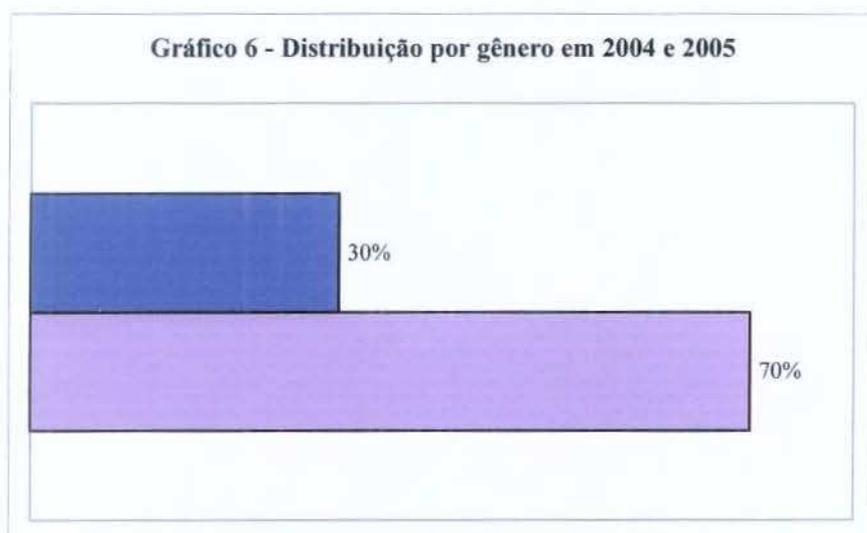


Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

³⁹ De acordo com o único jovem que permanece trabalhando na cooperativa.

Distribuição por gênero

Com relação à análise por gênero (gráfico 6), temos 12 mulheres trabalhando na cooperativa, representando 70% dos associados, contra apenas cinco homens, ou seja, 30% dos associados. Mesmo com a saída de dez trabalhadores da cooperativa, não houve modificações na estrutura de gênero de 2004 para 2005.



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

Esse é um dado bastante interessante, o qual reflete o índice nacional na composição por gênero das cooperativas. Este índice, que diz respeito à porcentagem de mulheres trabalhadoras das cooperativas é de 67%⁴⁰, ou seja, estatisticamente bem próximo ao índice encontrado no empreendimento abordado nessa pesquisa.

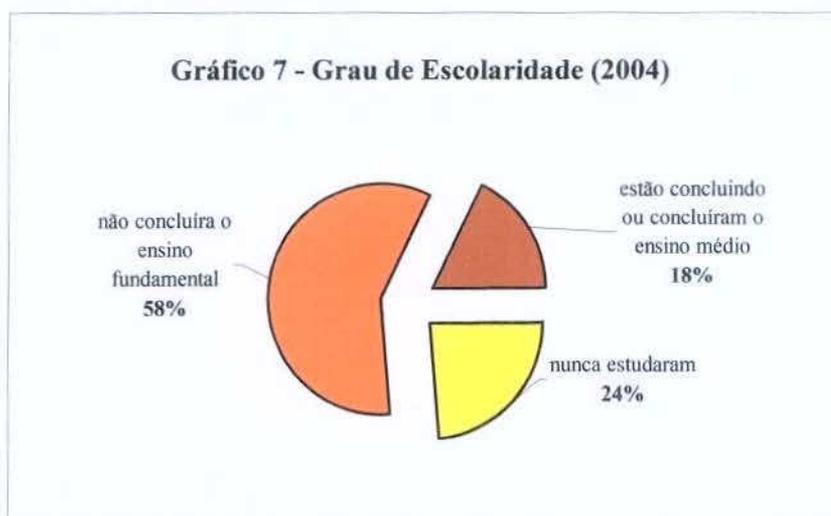
Nível de escolaridade dos cooperados

Ao observarmos o nível de escolaridade dos trabalhadores da Bonsucesso em 2004 (gráfico 7), constatamos que 24% dos trabalhadores (quatro pessoas) nunca estudaram. São pessoas que estão na faixa entre 48 e 58 anos. Temos ainda uma segunda classificação, na qual os trabalhadores não chegaram a concluir o ensino fundamental. São 58%, representando a grande maioria da cooperativa. Dos que não concluíram o ensino fundamental, temos cinco jovens de 17 a 25 anos e cinco adultos de 33 a 51 anos, somando ao todo 10 pessoas. Apenas três pessoas, 18% dos cooperados, estão concluindo ou já concluíram o ensino médio.

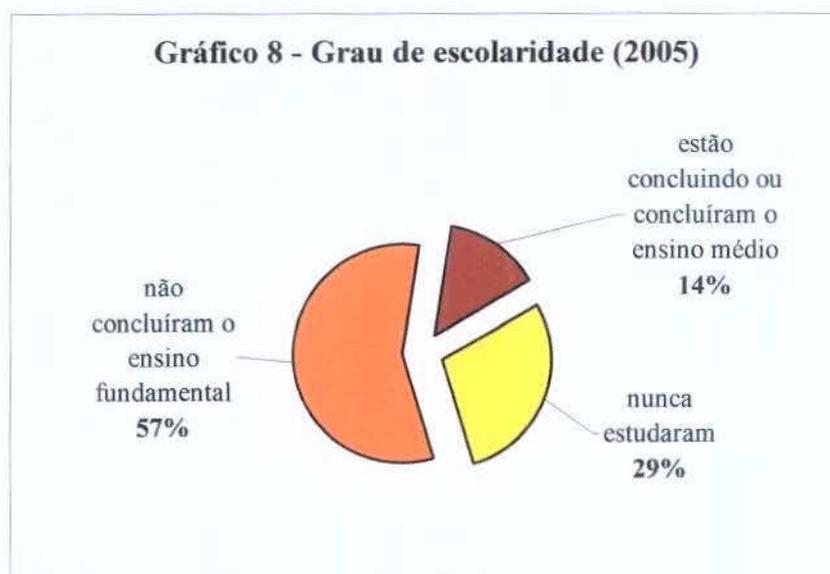
⁴⁰ Fonte: site do Ministério do Trabalho e Emprego – www.mte.gov.br (ver link SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária) – consulta realizada em 08-10-2005.

Comparando as idades com o nível de escolaridade dos cooperados nos chama a atenção que 82% dos cooperados ou nunca estudaram ou não chegaram a concluir o ensino fundamental. Tendo conhecimento da situação do ensino público fundamental no estado de SP e a partir dos relatos dos formadores da incubadora, pode-se afirmar que aquelas pessoas podem ser consideradas analfabetas ou analfabetas funcionais⁴¹.

A questão de gênero (gráfico 8) também impressiona uma vez que dessas 14 pessoas, apenas três são homens e 11 são mulheres. Em entrevista, todas essas mulheres, afirmaram que pararam de estudar para trabalhar. Todos os que estão concluindo ou já concluíram o ensino médio são jovens. Dos três, dois são homens de 20 anos e uma é mulher de 17 anos.



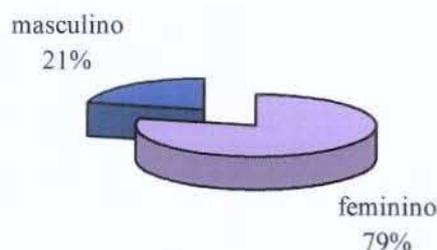
Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

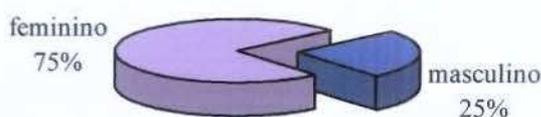
⁴¹ Analfabeto funcional: a pessoa decodifica o código alfabético, mas não compreende o que lê.

Gráfico 9 - Gênero dos que nunca estudaram ou não concluíram o ensino fundamental em 2004



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

Gráfico 10 - Gênero dos que nunca estudaram ou não concluíram o ensino fundamental em 2005



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

Dos indivíduos entrevistados, 41% estavam estudando em 2004, ou seja, sete pessoas. Revelando um aspecto interessante: os jovens trabalhadores freqüentam a escola⁴². Este indicador sugere que os jovens que estão na cooperativa vislumbram a formação e pretendem dar continuidade aos estudos.

Em 2005, pode-se perceber que também o nível de escolaridade não sofreu marcantes alterações (gráfico 9). A porcentagem dos que nunca havia estudado passou de 24% para 29%. Aqueles que não

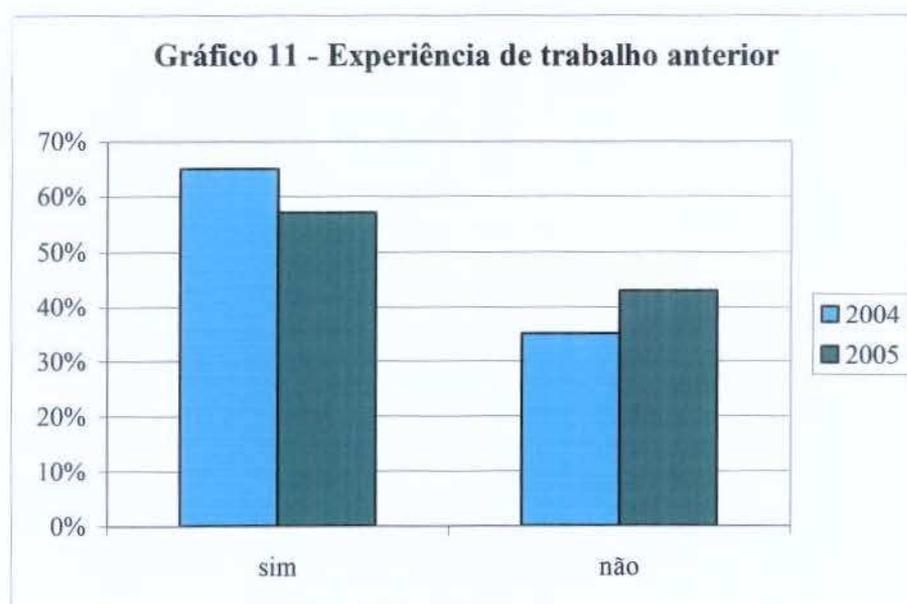
⁴² Das sete, seis tem até 20 anos e uma tem 25.

concluíram o ensino fundamental continuam a ser a esmagadora maioria na composição da cooperativa, tendo uma pequena alteração de 59% no ano de 2004 para 57% em 2005. Por fim, dos que estão concluindo ou já concluíram o ensino médio, o percentual passou de 18% para 14% dos trabalhadores. Também, com relação à distribuição por gênero dos trabalhadores que nunca estudaram ou não concluíram o ensino fundamental, a variação foi pequena, apenas de 4% entre 2004 e 2005.

A questão do estudo dos cooperados demonstra uma das principais modificações ocorridas no grupo. Se anteriormente tínhamos 41% dos trabalhadores freqüentando a escola, nesse momento temos apenas um jovem concluindo o ensino médio, representando 14% da cooperativa.

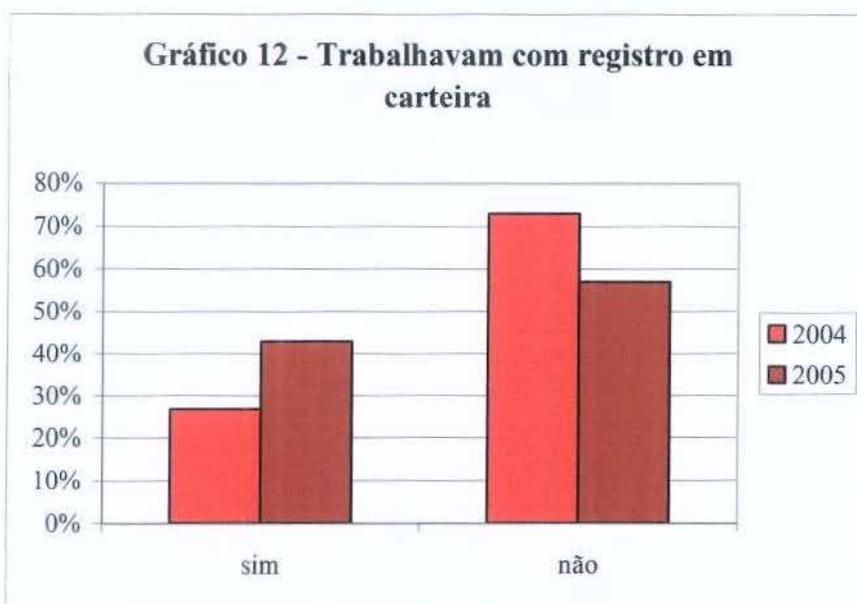
Experiência de trabalho anterior

A partir das entrevistas ocorridas em 2004, aferiu-se que 35% da população estudada, não haviam desenvolvido nenhum tipo de trabalho anterior (gráfico 11). Dessas seis pessoas, quatro são jovens e duas são mulheres em idade adulta, ao quais nunca haviam estudado, pois sempre foram donas de casa.



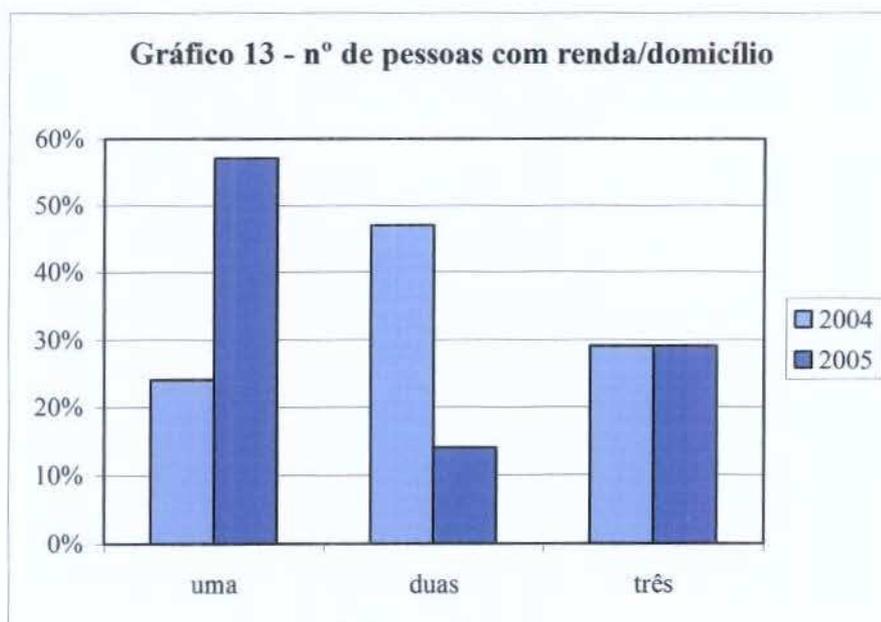
Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

Dos trabalhadores da Bonsucesso, 65% tiveram alguma experiência de trabalhos anterior, entretanto 73% desses nunca havia tido registro em carteira de trabalho (gráfico 12). Vale comentar que das oito pessoas que trabalhavam sem registro em carteira, cinco exerciam atividades domésticas. E que 47% dos trabalhadores que tinham registro em carteira de trabalho, desenvolviam suas ocupações na indústria de transformação.



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

Os dados abaixo (gráfico 13), ao serem analisados, demonstram que 24% dos cooperados é arrimo de família. Desses, 75% são mulheres. Na maioria dos domicílios dos cooperados, há duas pessoas com renda, representando 57% do grupo. Dos cooperados, cinco responderam que existem três pessoas com renda no domicílio, ou seja, 29%; entretanto, dessas cinco, duas são do mesmo domicílio.



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

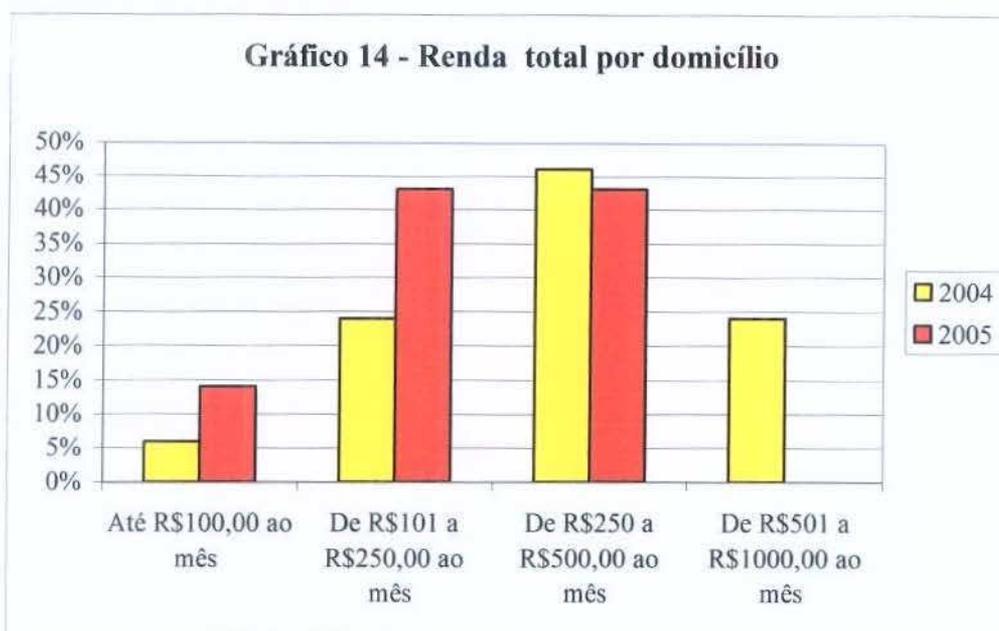
Em 2005, comparando-se com o ano anterior, observa-se que a porcentagem de pessoas que já tinham experiência de trabalho caiu de 65% para 57%, enquanto que a porcentagem de pessoas sem nenhuma experiência anterior aumentou de 35% para 43% (gráfico 11). Dos trabalhadores atuais da cooperativa, 57% possuíam alguma experiência anterior de trabalho. A metade deste nunca teve emprego com registro na carteira de trabalho, representando 57% dos cooperados (gráfico 12), pois faziam serviços domésticos.

Os 43% que nunca haviam trabalhado (gráfico 11) são: uma mulher que sempre havia sido dona de casa, um jovem sem experiência de trabalho e um adulto que nunca havia freqüentado a escola.

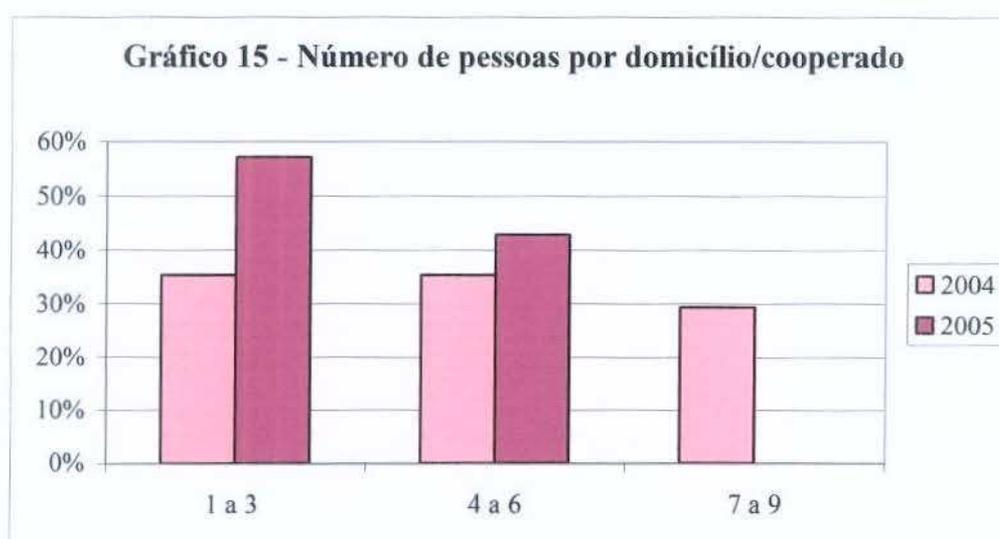
Como no ano anterior, quatro pessoas são arrimo de família, só que no ano anterior, este número representava apenas 24% da cooperativa (gráfico 13); agora, são 57% do grupo. Desses, três quartos são mulheres. A porcentagem de domicílios por cooperado que têm duas pessoas com renda caiu de 47% para 14%. Nestes domicílios, o fato de existir uma segunda pessoa com renda cria a possibilidade de o trabalhador procurar uma ocupação melhor. O número de domicílios que apresentam 3 pessoas com renda caiu de cinco para dois, mas mantiveram a representatividade de 29%.

Residentes e renda mensal por domicílio

Vejam a situação das famílias dos trabalhadores da cooperativa Bonsucesso. Observa-se, a partir dos dados de 2004, que as rendas familiares são baixas (gráfico 14), com 30% dos trabalhadores pertencentes a famílias com renda familiar de até R\$250,00/mês (menos que um salário mínimo), 46% com renda familiar na faixa entre R\$250,00 e R\$500,00 por mês e apenas 24% com renda familiar mensal de R\$500,00 a R\$1000,00. Esses dados preocupam mais ao serem cruzados com o número de pessoas por domicílio (gráfico 15), no qual 35% dos cooperados vêm de famílias que possuem de 1 a 3 membros, também 35% tem famílias de 4 a 6 membros e 30% dos cooperados pertencem a famílias com 7 a 9 membros.



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.



Fonte: Cooperativa Bonsucesso. Elaboração própria.

Já em 2005, no que diz respeito ao número de pessoas por domicílio (gráfico 15), constatou-se que a porcentagem de domicílios com 1 a 3 moradores aumentou de 35% para 57%, bem como aqueles com 4 a 6 residentes que foi dos mesmos 35% a um patamar de 43%. Interessante notar que os domicílios com 7 a 9 moradores, de 30% foi para zero. Ou seja, todos os cooperados que residiam com mais de seis pessoas deixaram a cooperativa.

Com relação à renda por domicílio (gráfico 14), a única cooperada que tinha renda por domicílio de até R\$100,00 reais por mês continuou na cooperativa, mas agora sua representatividade

subiu de 6% para 14%. Os domicílios com renda mensal de R\$101,00 a R\$250,00 ao mês representam, em 2005, 43% dos domicílios dos cooperados, contra os anteriores 24%. Por fim, temos os domicílios com renda mensal na faixa de R\$250,00 a R\$500,00 ao mês que aumentaram de 24% para 43%.

Os cooperados que apresentaram renda mensal por domicílio entre R\$501,00 a R\$1000,00 ao mês, que antes representavam 24% dos associados, saíram da cooperativa. Pode-se entender que as pessoas que apresentavam renda familiar mensal maior do que R\$501,00 sentiram-se estimuladas a procurar melhores remunerações pelo seu trabalho em outra forma de ocupação.

Observe-se, a partir desses dados, que as rendas familiares per capita são extremamente baixas. Tem-se seis famílias, representando 86% das famílias dos cooperados vivendo com até R\$250,00 por mês. Desses, 33% das famílias dos cooperados sobrevivem com uma renda de até R\$100,00 ao mês. Esses dados tornam-se ainda mais preocupantes quando levamos em consideração que vivem até seis pessoas por domicílio.

Ao final, mesmo passado um período de mais de um ano, os trabalhadores da cooperativa Bonsucesso ainda podem ser caracterizados por grande quantidade de mulheres que são arrimo de família. Também foi possível constatar que parte significativa das famílias dos trabalhadores vive em complicada situação sócio-econômica, levando-se em conta a renda familiar per capita e o valor do salário mínimo atual.

As pessoas que continuam na cooperativa têm chances quase nulas de se inserirem no mercado de trabalho, o que provavelmente relaciona-se com o baixo nível de escolaridade e com a idade avançada da maioria dos trabalhadores. Nota-se ainda, que não há espaço no mercado de trabalho para a maioria desses trabalhadores, que nunca trabalhou com registro em carteira e reside em domicílios nos quais um reduzido número de pessoas tem renda mensal.

Vale lembrar que os trabalhadores da cooperativa Bonsucesso estão em situação de trabalho informal, uma vez que esta ainda não se constituiu legalmente como cooperativa. Essa situação de informalidade se dá devido ao fato de ser muito dispendiosa a regularização da cooperativa⁴³ para os trabalhadores, mas isso não impede que seus direitos enquanto trabalhadores não sejam levados em conta, como veremos a seguir.

⁴³ Na legislação contábil, as cooperativas são enquadradas como pequenas empresas, elevando os gastos com taxas e impostos. O movimento de economia solidária debate a possibilidade das cooperativas que auferem menores rendimentos serem consideradas, para fins tributários, uma microempresa.

3.4. Os direitos dos trabalhadores na Cooperativa Bonsucesso

A partir de entrevistas particulares e conversas em reunião com os sete atuais cooperados da Bonsucesso, traçou-se um panorama de como se dão algumas das mais importantes relações de trabalho dentro do empreendimento.

Os cooperados têm os direitos históricos conquistados pela classe trabalhadora como meta a ser alcançada. Ou seja, mesmo com o recurso sendo pouco, os trabalhadores entendem a importância da garantia de seus direitos, principalmente os que já trabalharam com registro em carteira.

Para esta análise, escolhemos alguns indicadores levantados por alguns debatedores os quais consideramos relevantes para avaliar o grau de precarização das relações de trabalho. A saber:

- a) Salário mínimo;
- b) Décimo Terceiro Salário;
- c) Contribuição ao INSS;
- d) Fundo de Garantia por Tempo de Serviço.
- e) Férias Remuneradas;
- f) Jornada de Trabalho;
- g) Condições de trabalho;
- h) Descanso semanal;
- i) Licença Maternidade;
- j) Licença Saúde;

a) Salário Mínimo

Na cooperativa, não existe o conceito de salário, uma vez que não há a figura do empregador. Os trabalhadores fazem retiradas periódicas. As retiradas não são fixas. O cálculo das retiradas não é obrigatoriamente mensal. Os trabalhadores se reúnem em assembléia para decidir a periodicidade das retiradas.

No caso da Bonsucesso, as retiradas são quinzenais nos melhores períodos e mensais nos períodos de material mais escasso. As retiradas são calculadas da seguinte maneira:

- i) Ao final do período, soma-se o total da receita;
- ii) Somam-se também o total das despesas;
- iii) Subtraem-se as despesas da receita. Esse resultado são as sobras;

- iv) Das sobras, retira-se os 15% referentes aos fundos obrigatórios⁴⁴;
- v) O restante é dividido pelo total de horas trabalhadas pelos cooperados. Dessa conta obtemos o valor da hora de trabalho dos cooperados.
- vi) Somam-se as horas que cada um trabalhou no período e multiplica-se pelo valor da hora de trabalho. Assim, cada um recebe sua retirada de acordo com a carga horária trabalhada no período.

Como demonstrado no histórico, as retiradas dos trabalhadores da Bonsucesso não têm conseguido atingir o valor do salário mínimo vigente no Brasil⁴⁵.

b) Décimo - terceiro Salário

Como vimos na evolução das retiradas dos trabalhadores da Bonsucesso, os baixos valores⁴⁶ impedem que se retire 1\12 das retiradas por mês para se garantir o décimo - terceiro salário.

c) Contribuição ao INSS

A contribuição ao INSS fica a cargo de cada cooperado que pode contribuir como autônomo o valor de 20% do salário mínimo. Como vimos no histórico da cooperativa, muitas vezes, o valor da retirada era muito próximo do valor mínimo da contribuição, impossibilitando a regularidade do pagamento do INSS.

Os trabalhadores compreendem a importância de se contribuir, tanto que o fazem sempre que possível.

d) Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

Nas cooperativas não há a figura do empregador. Na verdade, o indivíduo toma a decisão de se associar a um coletivo de trabalhadores, assumindo os direitos e as responsabilidades. Por isso, os trabalhadores das cooperativas não têm FGTS.

e) Férias Remuneradas

Na Bonsucesso, os trabalhadores têm direito a trinta dias de férias remuneradas após completarem um ano de atividade na cooperativa. A remuneração é a média das retiradas dos que

⁴⁴ Como a Bonsucesso ainda é um empreendimento informal, os fundos não são realmente obrigatórios. Os formadores da ITCP acreditam ser educativo os cooperativados já se acostumarem com a idéia dos fundos para o momento em que a cooperativa for regularizada. Como os fundos ainda não são obrigatórios, em épocas de vacas magras, não subtraímos tal porcentagem do montante a ser dividido.

⁴⁵ De acordo com o Ministério do Trabalho e Emprego, o salário mínimo está em R\$300,00. (www.mte.gov.br)

⁴⁶ Em relação ao valor do salário mínimo.

trabalharam naquele período. As férias são organizadas durante assembleias tendo em vista as questões pessoais de cada trabalhador e o calendário, uma vez que a cooperativa não pode se encontrar com reduzido contingente de mão de obra durante os meses de maior quantidade de material para separar.

f) Jornada de Trabalho

Na cooperativa em questão, os trabalhadores entram às oito da manhã e saem às dezessete horas. Neste período, há uma hora para o almoço e as horas de trabalho intercalam se com intervalos. Para cada uma hora e meia de trabalho, correspondem quinze minutos de intervalo. Como ilustrado na tabela abaixo:

horário	atividade
8-9h30	trabalho
9h30-9h45	intervalo
9h45-11h15	trabalho
11h15-12h15	almoço
12h15-13h45	trabalho
13h45-14h	intervalo
14-15h30	trabalho
15h30-15h45	intervalo
15h45-17h	trabalho

Esta escala de trabalho é coerente com a política de Saúde do Trabalhador da ITCP/Unicamp. Há a preocupação com lesões por esforços repetitivos, além do trabalho de separação do material reciclável ser pesado.

Como observado no perfil dos trabalhadores da Bonsucesso, parte significativa desses está na faixa entre 51 e 60 anos, já com problemas sérios de saúde e reclamando de dores. Faz parte do acompanhamento da ITCP buscar, juntamente com os trabalhadores a maneira mais adequada para eles trabalharem, partindo da disposição da saúde de cada um.

g) Condições de trabalho

As condições de trabalho na cooperativa em questão ainda são precárias, uma vez que os trabalhadores dependem do poder público municipal para a obtenção de equipamentos de proteção individual (EPIs) e que o local não está devidamente adequado para a prática da separação dos materiais recicláveis.

Com relação aos EPIs, como o município é responsável pelo lixo urbano, e as cooperativas estão inseridas na chamada “cadeia do lixo”, muitas vezes praticando serviços que em tese são

obrigações da prefeitura. As cooperativas de separação de lixo contam com alguns apoios importantes do poder público municipal. Dentre eles, a cessão de máquinas e equipamentos em regime de comodato⁴⁷ e o fornecimento de EPIs.

O local de trabalho tem inúmeros problemas, tais como: não há ligação do imóvel com a rede de água e esgoto, o terreno não é cimentado e quando chove, além do lamaçal, as calhas das telhas jogam a água das chuvas para dentro do barracão. Contudo, como descrito no histórico, a cooperativa está para se mudar para um novo terreno, no qual estas dificuldades serão sanadas.

h) Descanso Semanal Remunerado

Normalmente, os trabalhadores trabalham de segunda a sexta-feira, tendo dois dias de descanso semanal. Excepcionalmente, quando a quantidade de material a ser separado é maior do que a capacidade de trabalho semanal dos cooperados, é que se trabalha aos sábados. Como podemos observar, sempre é garantido ao menos um dia de descanso semanal, entretanto este não é remunerado.

i) Licença Saúde

A legislação cooperativista⁴⁸ fala em restituição de 40% do valor da retirada média para o trabalhador afastado por motivo de doença. Entretanto, na cooperativa Bonsucesso, devido ao reduzido valor das retiradas a ao forte senso de solidariedade, os trabalhadores deliberaram em assembléia que as pessoas afastadas por motivo de saúde receberiam como se tivessem trabalhado às oito horas por dia, durante os dias de afastamento.

j) Licença Maternidade

Já houve dois casos de maternidade na cooperativa em seus quatro anos de existência. Nos dois casos, ficou acordado com as mães que elas receberiam o valor da retirada média dos outros trabalhadores durante o período de três meses a partir da data do nascimento da criança e retornariam ao trabalho.

Devido à falta de vagas nas creches do município de Campinas e à opressão por parte dos maridos e da família, as mães não retornaram ao trabalho vencidos os três meses da licença.

⁴⁷ No contrato do tipo comodato, a propriedade das máquinas e equipamentos são da prefeitura que concede o uso para os grupos do programa de geração de emprego e renda.

⁴⁸ Lei Federal 5764/71.

3.5. Análise qualitativa

Na análise qualitativa, tendo em mãos as entrevistas realizadas em agosto de 2005, buscou-se um referencial nas reflexões de Wautier⁴⁹ com relação ao trabalho nas organizações associativas, procurando-se captar a razão pela qual os cooperados foram buscar trabalho na cooperativa Bonsucesso e entender como se dá a organização do trabalho, com o foco no processo de tomada de decisões, para os cooperados.

Procurou-se ainda entender a relação estabelecida entre o trabalhador e a cooperativa, estudando-se as transformações que podem ocorrer na sua subjetividade, a partir da experiência de construção de um projeto coletivo. Os trabalhadores, sujeitos da ação, constroem, no seu cotidiano, a ação da cooperativa, carregando-a de racionalidade e sentimentos. Em seu trabalho, desenvolvem novas relações com as outras pessoas, com a própria cooperativa e consigo mesmo (Wautier, 2001).

Através das conversas com os cooperados, notou-se que no começo do processo de aproximação entre o trabalhador e a cooperativa, a priori, não há, necessariamente, uma identificação automática entre o trabalhador e os valores do cooperativismo popular. Quando questionados sobre a razão pela qual tinham ido trabalhar na cooperativa, todos, sem exceção responderam que o motivo era a falta de perspectiva de inserção no mercado de trabalho e a necessidade em contribuir para a renda familiar. Nenhum deles procurava uma forma de trabalho libertador, como colocou Singer (2002). Como ilustram as falas a seguir, ao serem inquiridos sobre a razão pela qual se encontravam na cooperativa:

“Porque eu estava desempregada, porque eu não tinha como trabalhar, porque eu tenho problema na coluna e não tenho como trabalhar. Então eu pensei em ir lá (na cooperativa) porque o serviço é mais leve do que trabalhar de faxineira, então eu vim aqui”.

“Eu estava desempregada e cuidava de uma sobrinha. Eu trabalho porque eu preciso, sou sozinha, minha filha está parada e eu tenho que manter a casa, pago luz, pago água, gás, eu não tenho marido, não tenho ninguém aí eu tenho que arrumar serviço”.

⁴⁹ WAUTIER, A. M. A. *Construção identitária e o Trabalho nas Organizações Associativas*. Tradução Miola, S. Ijuí : Unijuí, 2001.

“O meu marido desempregado, passou a beber, quer dizer, já piorou mais ainda, e pra eu poder fazer tudo isso eu tive que arrumar um lugar pra trabalhar, senão não tinha jeito e aí eu comecei a trabalhar na cooperativa e eu gosto daqui”.

“É melhor estar trabalhando do que ficar em casa, porque em casa não tem nada e trabalhando, mesmo que pouco eu tenho. Um dinheirinho para comprar alguma coisa, pagar gás, pagar luz e a água, isso ajuda, e estando em casa eu não tenho nada”.

“Eu entrei na cooperativa porque eu trabalhei em um lixão, então o lixão foi fechado em Hortolândia. Então a prefeitura de Hortolândia arrumou uma frente de trabalho para quem trabalhava no lixão, mas a gente que era de Campinas ficamos sem lugar para trabalhar. E aí eu fui pedir para o Toninho (ex-prefeito) se tinha alguma coisa relativa a isso, uma frente de trabalho ou qualquer coisa em que a gente pudesse se encaixar. E aí ele falou para mim que não tinha, que ele iria estar vendo para formar umas cooperativas em Campinas, aí a gente começou com as reuniões até que formou a cooperativa e aí a gente veio trabalhar. O meu motivo de trabalhar na cooperativa é porque, olha, pela idade que eu tenho eu não arrumo serviço em outro lugar, eu sou considerada velha (rs...). Eu tenho 51 anos e mesmo eu tenho o meu menino, ele estava estudando e não tinha condições de comprar material de escola e nada para ele, eu não tinha mais”.

“Porque eu nunca consegui emprego no mercado. Eu não sei bem porque, mas todas as minha tentativas foram mal sucedidas, entrevistas, testes, está muito difícil. Aí eu tive uma chance aqui. No começo eu vim só para ajudar e agora eu acabei ficando, acabei gostando do lugar”.

A partir dessa constatação fez-se um esforço no sentido de tentar enxergar o trabalho na cooperativa através de duas dimensões: uma subjetiva e outra objetiva.

- a) Objetiva: que dá um meio de sobreviver, é o conjunto de condições objetivas que a cooperativa oferece para a ocupação.

“O sistema de trabalhar eu acho que está bom, eu acho que está bem aqui na cooperativa. Eu acho que é isso, o sistema de trabalhar, o sistema de conversar com todos, todo mundo se une, eu acho que é um sistema bom de trabalhar”.

- b) subjetiva: é aquela vivenciada pelas pessoas individualmente, é o olhar que elas põem sobre o sentido do trabalho na sua vida; é o trabalho fonte de engajamento individual e coletivo. Indica ainda as estratégias desenvolvidas pelos trabalhadores para responder à demanda da organização. *“... eu gosto da cooperativa: eu gosto da luta”.* Ou ainda *“... porque todo mundo é unido, todo mundo conversa, é uma coisa agradável de ficar, eu gosto”.*

“Aqui não, a gente conversa com todo mundo, sei lá, a gente fica mais espontâneo, se sente melhor em tudo, até na saúde, a gente se sente melhor. A gente fica em casa, só faz serviço de casa e não tem muito o que conversar, não tem muito o que falar, não tem muito o que aprender. Aqui a gente aprende, conversa com um e com outro, aprende”.

Como observado na última fala, o trabalho, tal como se realiza nas organizações de economia solidária, é uma experiência passível de estimular novas formas de relações, fundadas na solidariedade. Essas relações abrangem tanto as relações de trabalho quanto as relações com a sociedade.

Esse trabalho é possivelmente transformador graças à possibilidade da pessoa se enxergar como cidadão, percebendo a necessidade da participação como possibilidade de intervir na realidade. Este seria o atributo de sua experiência de trabalho coletivo, no caso, o trabalho na cooperativa.

Entre os valores, destaca-se a importância da solidariedade, que seria o resultado de um processo, tanto por parte do trabalhador quanto da cooperativa, de uma vivência em vista da sensibilização ou o aprofundamento de uma solidariedade específica fundada na sua identificação como classe oprimida.

“... porque eu gosto das pessoas, eu gosto de brigar por causa delas, eu gosto de descobrir o que é que tem, o que é que deixa de ter, o porquê daquilo, como aquilo está acontecendo, o que é que dá para ser feito, quem é que eu vou encarar, pra quem que eu vou contar o que aconteceu, se alguém da prefeitura chegar aqui eu sei conversar, eu vou fazer um esforço para conversar, porque, porque eu continuo sendo uma pessoa como todo mundo, buscar, saber o que é que está, o que é que está acontecendo”.

Com relação ao entendimento de como se dá a organização do trabalho para os cooperados, com foco no processo de tomada de decisões. Destacam-se os conceitos de participação e divisão de poder. Abaixo, citamos uma fala da presidente da cooperativa para ilustrar que muitas vezes, no processo de aprendizagem coletivo, a tomada de decisão não se dá nos espaços formais⁵⁰, onde os cooperados sentem-se oprimidos por uma forma estranha de organização do diálogo; mas, acontecem tomadas de decisão coletivas nos espaços informais, que são legítimos:

“Conversar com eles não passando uma obrigação, mas passando uma conversar assim, que seja o assunto da cooperativa. Eles se integram muito bem, isso funciona muito bem na cooperativa, por mais que pareça que a gente tome a decisão sozinho, mas não é verdade, porque todos eles contribuem. Porque às vezes a gente pára e senta ali na hora do almoço ou na hora do café da tarde e junta todo mundo, um fala uma coisa, outro fala outra coisa e com isso a gente acaba conseguindo tomar um monte de decisão. Acho que isso funciona bem”.

Tem-se, então, a tomada de decisões ocorrendo nos diversos espaços de diálogo, durante o café ou na hora do almoço, com a participação de todos, que são referendadas nos espaços “oficiais”.

Percebe-se, a partir das entrevistas e do histórico de retiradas da cooperativa, que o trabalho na Bonsucesso não traz grandes compensações econômicas,...

⁵⁰ Reuniões registradas em atas ou assembleias gerais.

“tem vezes que eu pago a luz, pago a água. Tem vezes que eu compro gás. Eu não consigo fazer tudo. Se eu for fazer tudo não dá”.

“No momento o que está mais difícil mesmo é o lugar que a gente está e mais o salário mesmo que está muito baixo. Estamos ganhando muito pouco dinheiro e está complicado”.

“Está sendo bom, um pouco de altos e baixos, no começo a gente tirava melhor, mas agora tá um pouco mais complicado, o preço do material andou caindo, tá um pouco mais difícil”.

...mas é aceito e valorizado na medida em que se encontra nele uma realização pessoal: em termos afetivos (o grupo, a amizade)...

“Briga, briga, briga e eu era a chata, mas a minha chatice não era no sentido de eu quero mandar, eu quero ser dona, eu quero ser aquilo, era mais aquela proteção, está sob a minha responsabilidade, a carga era muito grande e eu não via as pessoas como se elas fossem simplesmente gente estranha. Era como se fosse alguém de mim, alguém de minha família que eu tinha que proteger a qualquer custo”.

“... porque tem horas que eles tem uma necessidade tão grande que não é de comida, que não é de dinheiro, sei lá, é uma necessidade de... Também não é de alguém falando com eles de alguma coisa, mas é uma necessidade que eu não sei se é de ficar parado, de pensar ou então de ficar pensando que a gente está pensando a mesma coisa que eles, parece que isso ajuda”.

...em termos políticos (a “construção coletiva”, o engajamento) e em termos intelectuais, no sentido de “aprender” algo, de falar, de se sentir valorizado, reconhecido. É visível como o processo de incubação levado a cabo a partir dos paradigmas da educação popular, permite que os cooperados, ao se depararem com as contradições inerentes ao empreendimento coletivo a que se propuseram, aprofundem a consciência de seu papel, de sua importância na construção da cooperativa e da realidade

que os cercam. É através dessa conjunção entre as demandas/problemas reais da cooperativa e a reflexão coletiva sobre os mecanismos que ditam tais processos, proporcionada em grande medida pela ação educativa da incubadora, que se produz a práxis transformadora. É pela manutenção dessa práxis transformadora que se conquista gradualmente a consciência individual e coletiva possibilitando assim a construção de práticas que superem ou que busquem superar as contradições colocadas.

“... melhorou o meu jeito de ser, eu tenho mais noção, eu era mais sem noção do que eu sou. Eu sou uma pessoa melhor, eu adquiri mais responsabilidade, ajudo em casa, tenho mais consciência do que está acontecendo, e também estou vendo que a situação não é fácil, se ninguém ajudar, eu não sei onde é que vai parar”.

“Experiência nenhuma eu tinha. Eu tinha até medo de olhar nas pessoas, morria de medo de estar conversando com alguém, eu não falava com ninguém não, é sério, eu tive problemas de depressão muito sério, tomava calmante e eu aprendi a falar e a me desenvolver através da cooperativa”.

“É gostoso porque além de você ter história para contar tem pessoas que você conseguiu fazer cair na real, que a coisa tá grave. Essa é a parte boa da cooperativa”.

Encontram-se *relações políticas*, entendendo política no sentido de engajamento, para a resolução de problemas, tendo em vista o bem comum. As relações políticas desenvolvidas na cooperativa podem ser classificadas como internas e externas. No plano interno, trata-se da vivência, da participação na gestão, da construção de uma identidade coletiva. Já no plano externo, a ação se dá numa perspectiva de conflito social: as reuniões com os gestores públicos, os atos na câmara municipal, as reuniões da ACOOP⁵¹. A cooperativa incentiva a participação política na sociedade. Os cooperados aprendem a ser cidadãos, a colocar-se na sociedade.

⁵¹ Associação das Cooperativas de Reciclagem de Campinas e Região.

“Através da cooperativa eu aprendi muito, principalmente a entrar na prefeitura, eu não sabia com quem falar, tanta coisa que acontecia olha um falou não sei o que, um foi cassado, eu não sabia como, quando eu ia chegar e falar com alguém da prefeitura, eu não falava com ninguém não, eu só escutava.... e via que tava errado e continuava naquilo mesmo, e por fim eu fui falando, falando e hoje eu falo demais da conta (risos...) passo dos limites, mas eu aprendi bastante”.

“Essa parte foi a mais gostosa de todas, eu aprendi a abrir a minha boca e decidir aquilo que é bom”.

Além de uma simples percepção do que é a cooperativa, o discurso dos trabalhadores revela também uma reflexão que é o seu entendimento do empreendimento e do seu lugar nele.

“... aqui você dá opinião, ajuda no que você puder, você faz tudo para que isso aqui vá para frente. Porque isso aqui não é um projeto de uma pessoa, que está ali porque está sendo pago, é um projeto seu, boa parte do seu tempo e do seu trabalho é investido naquilo. Você quer que aquilo dê certo realmente, apesar de nem tudo dar certo no caminho, mas não tem problema, se não dá certo, você volta e continua”.

Há diferenças entre o que os trabalhadores procuram no trabalho e o que encontram na prática, o trabalhador procura no trabalho apenas sua sobrevivência material, mas acaba encontrando outras vivências políticas e afetivas. Quando perguntados se sairiam da cooperativa para trabalhar em um emprego com registro em carteira, obtivemos as seguintes respostas:

“Se a oferta fosse realmente boa eu até sairia, Carteira assinada, INSS, plano de saúde, vale transporte, eu até sairia, mas se não eu acho que ficar na cooperativa é melhor. É melhor porque aqui todo mundo se conhece, é algo que eu sei o que está acontecendo. Em uma empresa eu somente ficaria ali para cumprir o meu papel”.

“Eu acredito que não, porque eu já me acostumei a esse sistema e gosto desse sistema. Eu já trabalhei em empresa e sei que é muito diferente”.

Algumas incoerências são apontadas. Essas revelam a dificuldade que os trabalhadores têm de se desprenderem de um modelo econômico e social de trabalho fundado em relações individualistas. Como ilustra a fala da presidente da cooperativa:

“... não é fácil você conversar com eles e descobrir o que eles querem, o que eles estão pensando que nem sempre eles falam, nem sempre eles gostam de falar então não foi fácil”.

Num primeiro contato com o grupo cooperado, os novos associados têm muita dificuldade de se colocarem, por virem, na maior parte das vezes, de ocupações nas quais sofriam um grau de opressão marcante. Tais dificuldades de expressão e muitas vezes até a vontade de se omitir das discussões dificultam a concretização da idéia da autogestão, com a participação ativa de todos nas tomadas de decisão.

Com o passar do tempo, eles começam a ter certo entendimento de que são fruto de sua história pessoal e que agora devem assumir uma nova forma de trabalhar: trabalho fundado na solidariedade e valorização do ser humano,...

“Eu acho que o mais gostoso que funciona é receber o pessoal, talvez você ache que eu esteja falando muito do pessoal, receber o pessoal, mas é a parte gostosa, quando chega alguém na cooperativa e pede serviço e a gente tem”.

...uma relação diferente com a propriedade.

“Então se eu ganho R\$50,00 tá bom, se eu ganho R\$100,00 tá bom, se eu ganho tanto tá bem, se eu ganho nada tá bom... de vez em quando eu faço isso” (deixa de ter retirada para aumentar a retirada dos outros cooperados).

Assim, o trabalho, embora cheio de incoerências e de reproduções da ideologia capitalista, parece ultrapassar uma mera participação na gestão da organização para visar uma nova sociedade. Há em alguns a presença do espírito militante, mesmo este não sendo generalizado entre eles.

“Por mais que você luta está desorganizado”.

“Aprendi muita coisa e aprendi principalmente a ver como as coisas funcionam”.

Em consequência, parece-nos mais adequado, evitar tratar a economia solidária como revolucionária em si (Singer 1998, 1999, 2000, 2002), sem deixar de notar a contribuição do cooperativismo para uma nova postura do trabalhador frente às relações sociais no trabalho e na sociedade como um todo.

As transformações em curso dentro da cooperativa, vivenciadas pelo trabalhador, passam por uma mudança das mentalidades: do individualismo cego à percepção da importância da solidariedade; no sentido dado à economia: por uma economia dos trabalhadores, mais solidária; enfim, por uma mudança na relação com o trabalho: com mais igualdade e participação por parte dos trabalhadores, gerador de uma outra postura frente às relações de poder dentro do empreendimento.

Procurou-se prestar atenção ao discurso dos trabalhadores. É importante colocar que a Cooperativa Bonsucesso, em específico, não apresenta muitos conflitos entre os trabalhadores, apesar da realidade aparecer como um conjunto de tensões e contradições, como uma construção difícil. Apesar de todo o processo educativo e do relativo entendimento por parte de todos os cooperados do como funciona a gestão na cooperativa, em épocas de baixas retiradas, sempre há uma atmosfera tensa de desconfiança de que a diretoria esteja se apropriando individualmente dos rendimentos do trabalho coletivo. Principalmente, os trabalhadores, que pelo baixíssimo ou nenhum grau de instrução formal, têm apenas uma intuição e não compreendem plenamente o método do cálculo das retiradas, se indignando por não acharem possível (e com razão) o fato de trabalharem pesado durante quarenta horas por semana e receberem no final do mês, por exemplo, R\$ 63,30⁵², ou seja, R\$ 1,60/hora.

Igualmente em períodos de baixos rendimentos, em contradição com os valores do cooperativismo popular, as pessoas que representam a cooperativa nos espaços de discussão e fóruns

⁵² Como ocorreu em julho de 2004 (gráfico 3).

municipais de economia solidária⁵³ passam a ser questionadas com relação à sua atuação: se realmente estariam zelando pelos interesses dos trabalhadores da cooperativa ou se estariam sendo cooptadas pelos órgãos da prefeitura presentes nessas reuniões.

Apesar dos conflitos e contradições presentes no empreendimento, parece haver lampejos de um processo em curso: uma contestação das atuais relações econômicas e sociais, um sonho de construção de outras relações a partir do trabalho.

CEDOC/IE

⁵³ Exemplos: Associação das Cooperativas de Reciclagem de Campinas e Região (ACOOP), Fórum Municipal de Economia Solidária, Comissão Executiva do Fórum Municipal de Economia Solidária (COMEX) e Grupo de Trabalho de Resíduo Sólidos (GTRS) vinculado ao Departamento de Limpeza Urbana (DLU).

4. Considerações finais

A partir da literatura estudada e do estudo de caso desenvolvido, gostaríamos de tecer algumas considerações sobre os temas que nos propusemos. Primeiramente, entendemos ser importante reiterar que a doutrina cooperativista, como maneira de organização dos trabalhadores, existe desde o final do séc. XIX e tem encarado momentos de ascenso e descenso. Seu mais recente ascenso, ligado ao período de crise econômica a partir dos anos setenta, adquiriu a roupagem da chamada “economia solidária”.

No Brasil, a partir da década de 1990, as diversas esferas do poder público estão utilizando o discurso da economia solidária para desenvolver políticas sociais focalizadas. Tais políticas estão sendo denominadas de “alternativas de geração de emprego e renda”, entretanto não visualizamos a possibilidade de um conjunto de cooperativas e organizações autogestionárias que atuam em nível microeconômico sob a insígnia da economia solidária possam vir a resolver o problema do desemprego, uma vez que este é parte constitutiva e inerente ao modo de produção vigente (Marx, 1975).

Assim, tratando-se de cooperativismo, partindo de Lins e Pereira, para os quais as algumas diferentes experiências cooperativistas além de não serem benéficas apenas enfraquecem o componente trabalho no binômio capital-trabalho; passando por Krein, Gimenez & Biavaschi, para os quais as cooperativas de produção organizadas por sindicatos são uma experiência interessante na medida em que possibilita a manutenção de postos de trabalho. Gostaríamos de deixar registrada uma outra possibilidade de significação para as experiências de trabalho cooperativado.

Com relação aos direitos históricos conquistados pela classe trabalhadora, as cooperativas autênticas buscam sempre garanti-los. Por vezes, o cumprimento de alguns destes não é possível devido ao baixo faturamento do empreendimento no período. Mas, por vezes, a cooperativa, inspirada no valor da solidariedade, cumpre funções onde o Estado faltou com o cumprimento de sua obrigação, por exemplo, a compra de medicamentos para algum trabalhador sem condições de adquiri-lo. Como essa experiência tem um grau de precariedade muito grande, as pessoas voltam para o mercado de trabalho formal assim que têm uma chance, como pudemos perceber a partir do esvaziamento da cooperativa no ano de 2005.

Tendo como fundamentação a análise qualitativa do estudo de caso apresentado, percebe-se uma alteração na postura dos trabalhadores com relação à realidade que os cerca. Podem-se distinguir três níveis para essas transformações: (i) em nível pessoal, (ii) em sua relação com o trabalho na cooperativa, e por último (iii) com relação à sua participação dentro da sociedade na qual está inserido.

As cooperativas autênticas, potencialmente, podem se apresentar como uma interessante primeira experiência de sensibilização dos trabalhadores cooperados para a importância e necessidade da organização política. Antes de se associarem à cooperativa, esses trabalhadores eram catadores individuais muito fragilizados. Percebe-se uma diminuição desta fragilidade, ainda que presente, uma vez que estes não vivem mais o dia-a-dia “da mão para a boca”, no sentido de trabalharem durante o dia para terem a possibilidade de comer à noite.

Abre-se uma nova perspectiva de horizonte para o trabalhador, através de suas relações de trabalho. As cooperativas, para além de se constituírem como uma alternativa precarizada para algumas pessoas individualmente, são importantes espaços nos quais os trabalhadores têm uma primeira vivência de organização não-hierárquica. Com a experiência da cooperativa, os trabalhadores apreendem na prática, a partir de suas necessidades, a importância e a necessidade de se organizar em grupo para sobreviverem. Como quando as retiradas baixaram muito devido à falta de material para ser trabalhado ou no episódio em que estavam em vias de perderem o espaço para trabalhar.

Houve a percepção através da experiência prática de que juntos e organizados eles têm poder de interferir no curso dos acontecimentos. Muitos descobriram que tem voz, e mais, que essa voz tem poder e que eles não só podem como devem exercer este poder para garantir seus postos de trabalho, e, por conseguinte sua sobrevivência e de sua família.

Entendemos que o estudo desta experiência favoreceu à discussão do cooperativismo e da economia solidária no tocante à explorar a dimensão educativa do trabalho cooperativado e a importância das Incubadoras Universitárias neste processo.

O contato com os formadores da incubadora universitária tem um potencial de iniciar a promoção de um processo de formação e conscientização. Pela primeira vez os trabalhadores começam a ter um entendimento do funcionamento dos mecanismos de opressão do mundo, e passam a iniciar um aprendizado no sentido de interpretá-lo do ponto de vista de sua condição de classe. É desse ponto de vista que entendemos como positivas as experiências cooperativistas. Na perspectiva de estratégias de sobrevivência para os trabalhadores excluídos do mercado de trabalho que possam servir para a elevação de sua consciência.

5. Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, P. P. “Cooperativas de trabalho, mudança das relações de produção?” *Perspectiva*, São Paulo, v. 12, n. 1, janeiro-março/1998.
- ANDERSON, P. “Balanço do Neoliberalismo”. In: SADER, E.; GENTILI, P. (org.). *Pós-neoliberalismo: As políticas sociais e o estado democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ANTEAG. *Autogestão – Construindo uma Nova Cultura nas Relações de Trabalho*. São Paulo: Anteag, 2000.
- ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho: ensaio sobre afirmação e a negação do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- ANTUNES, R. “Anotações sobre o capitalismo recente e a reestruturação produtiva no Brasil”. In: ANTUNES, R. & SILVA, M. A. M. (orgs.) *O Averso do trabalho*. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- BHIR, A. *Da grande noite à alternativa: o movimento operário europeu em crise*. São Paulo: Boitempo, 1998.
- BRAUDEL, F. *Civilização material, econômica e capitalismo, século XV-XVIII*. Rio de Janeiro: Cosmos, 1985.
- CORIAT, B. *Pensar pelo avesso: o modelo japonês de trabalho e organização*. Rio de Janeiro, Revan: UFRJ, 1994.
- DRUCK, M. G. *Terceirização: (des)fordizando a fábrica*. São Paulo: Boitempo, 1994.
- DEDECCA, C. S. “Conceitos e estatísticas básicas sobre mercado de trabalho”. In: Oliveira, M. A. (org.) *Economia & Trabalho: textos básicos*. Programa de Capacitação de Gestores de Políticas de Emprego. Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho do Instituto de Economia, Unicamp. Campinas, 1998.
- FREIRE, P. *Educação Como Prática da Liberdade*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.
- GAIGER, L. I. *et alli*. “A economia solidária no Rio Grande do Sul: viabilidade e perspectivas”. *Cadernos Cedope* (Série Movimento Sociais e Cultura, 15). São Leopoldo (RS): Unisinos, 1999.
- GALVÃO, M. N. *Os fios da esperança?: Cooperação, gênero e educação nas empresas geridas pelos trabalhadores*. Tese de doutoramento da Faculdade de Educação, Unicamp. Campinas, 2004.
- GOUNET, T. *Fordismo e Toyotismo: na civilização do automóvel*. São Paulo: Boitempo, 1999.
- HAGUETTE, T. M. F. *Metodologias Qualitativas na Sociologia*. Petrópolis: Vozes, 1995.

- HECKERT, S. M. R. (org.). *Cooperativismo popular: reflexões e perspectivas*. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2003.
- HENRIQUE, W. “Crise econômica e ajuste social no Brasil”. In: OLIVEIRA, M. A. (org.). *Reforma do Estado e políticas de emprego no Brasil*. Campinas: IE, Unicamp, 1998.
- KREIN, J. D., GIMENEZ, D. M.; BIAVASCHI, M. B. *As Cooperativas de mão-de-obra e os Tribunais Regionais do Trabalho*, Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, s/d.
- KREIN, J. D. e MORETTO, A. “O crescimento da formalização do emprego: como explicá-lo?” Campinas, 2005.
- LENIN, V. I. “O imperialismo fase superior do capitalismo” (ensaio popular). Petrogrado, 1917. In: Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao Comitê Central do PCUS, *V. I. Lenine: obras escolhidas em três tomos*. Tomo 1. 2ª ed. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1982.
- LIMA, M. F. *Cooperativismo brasileiro: fundamentos teóricos*. Trabalho de conclusão de curso, Instituto de Economia, Unicamp: Campinas, 1992.
- LINS, H. N. “Cooperativas de Trabalhadores: opção frente à crise do emprego ou aspecto da crescente precariedade do trabalho?”. *Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 39-75, julho, 2001.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. livro 1: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 1975.
- MARX, K. *O Capital: crítica da economia política*. livro 1: O processo de produção do capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 1975.
- MARX, K. *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. Tradução por KONDER, L. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- MATTOSO, J. & POCHMANN, M. “Mudanças estruturais e o trabalho no Brasil nos anos 90”. *Revista Economia & Sociedade*, Campinas, n. 10, IE/Unicamp, 1998.
- PEREIRA, J. M. “Cooperativas de trabalho: flexibilização ou degradação do trabalho?”. *Revista Análise Econômica*, ano 19, n. 35, p. 107-125.
- PINHO, D. B. “A Doutrina Cooperativa e a Problemática do Desenvolvimento Econômico”. In: PINHO, D. B. e AMARAL, C. M. (orgs.). *A Problemática Cooperativista no Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Fundação Friedrich Naumann, 1973.
- POCHMANN, M. “Políticas de emprego e renda no Brasil: algumas considerações”. In: Bógus, Lúcia & Paulino, Ana Yara (orgs.). *Políticas de emprego, políticas de população e direitos sociais*. São Paulo: Educ. p. 21-46, 1997.
- _____. *O trabalho sob fogo cruzado: exclusão, desemprego e precarização no final do século*. São Paulo: Contexto, 1999.

- QUIJANO, A. "Sistemas alternativos de produção?". In Santos, B. S. (org): *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. p. 473-508, 2002.
- SANTOS, B. S. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2002.
- SCHWEINBERGER, G. A. "Economia Solidária". *Teoria e Evidência Econômica*, Passo Fundo, v. 8, n. 15, p. 83-116, novembro, 2000.
- SCHWENGBER, A. M. "O Programa Oportunidade Solidária". In: POCHMANN, M. (org.) *Outra cidade é possível: alternativas de inclusão social em São Paulo*. São Paulo: Cortez, 2003.
- SINGER, P. "A precarização é a causa do desemprego". Folha de São Paulo. São Paulo, 10 de dezembro, p.2, 1995.
- _____. *Globalização e desemprego: diagnóstico e alternativas*. São Paulo: Contexto, 1998.
- _____. *Uma utopia militante: repensando o socialismo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1998a.
- _____. "A cooperativa é uma empresa socialista". In: Guimarães, G. (org). *Sindicalismo e Cooperativismo: a economia solidária em debate*. São Paulo: Unitrabalho, 1999.
- _____. "Economia solidária: um modo de produção e distribuição". In SINGER e SOUZA. *A Economia Solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego*. São Paulo: Contexto, 2000.
- _____. *Introdução à Economia Solidária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- TAUILE, J. R. "Do socialismo de mercado à Economia Solidária". *Revista de Economia Contemporânea*, v.1, n.6, janeiro/junho, p.107-122, 2002.
- WAUTIER, A. M. *A Construção identitária e o Trabalho nas Organizações Associativas*. Tradução: Miola, S. Ijuí: Unijuí, 2001.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Editora Bookman, 3. ed., 2005.

6. Anexos

ANEXO I – Entrevistas individuais com os cooperados.

Roteiro de entrevistas com trabalhadores

- 1 – Fale sobre experiência na cooperativa.
- 2 - Por que você trabalha na cooperativa?
- 3 – Do que você gosta e do que você não gosta no seu trabalho na cooperativa?
- 4 – O que você recebe na cooperativa é suficiente para sustentar a sua família?
- 5 – O que melhorou e o que piorou no seu modo de vida depois que você começou a trabalhar aqui?
- 6 - Se você tivesse uma oportunidade de um emprego no mesmo ramo de trabalho, em uma empresa, você sairia da cooperativa?

Entrevistas realizadas com trabalhadores da Cooperativa Bonsucesso

Entrevista 1

1 – Eu estou na cooperativa desde quando ela começou, de tudo eu acho que eu devo ter perdido umas três reuniões do começo só. Aí, desde lá pra cá... é gostoso, eu gosto da cooperativa: eu gosto da luta, eu gosto da briga, eu gosto de encarar as pessoas, olhar para a cara delas e ver o que é que elas estão achando.

Eu estou a quatro anos na cooperativa. Foram quatro anos de muita briga e eu tenho que admitir que eu acho que a maioria, a maioria não, eu acho que todos os presidentes que passou, foram quatro presidentes na cooperativa, cinco comigo, eu acho que a maioria deles saiu por causa de mim. Porque eu não aceitava os excessos, os exageros que eles usavam, a forma, o sumiço de dinheiro que acontecia, então foi passando: um ficava um mês, o outro ficava dois meses e assim foi indo, até a gente chegar no pessoal que estava lá e chegar no meio termo. Daí eu entrei para ser presidente da cooperativa, através de voto mesmo, da maioria, de todos porque a situação estava crítica, senão já tinha acabado lá mesmo no DLU (departamento de limpeza urbana).

Aí teve muita briga, muita briga mesmo porque eu penso de uma forma e o pessoal pensa de outra forma. Lógico né, aí então tinha aquela coisa: a Dete é autoritária, a Dete é chata, ela é isso, ela é aquilo, mas eu sempre coloquei. Eu sou chata, mas no final vocês vão me dar razão. E como de fato aconteceu. O pessoal falava: gente vamos fazer tal coisa e aí eu dizia: você quer fazer, então vamos

fazer. A hora que chegava lá na frente dava tudo errado, aí eles voltavam para a Bernadete de novo, falta de aviso não foi.

Experiência nenhuma eu tinha. Eu tinha até medo de olhar nas pessoas, morria de medo de estar conversando com alguém, eu não falava com ninguém não, é sério, eu tive problemas de depressão muito sério, tomava calmante e eu aprendi a falar e a me desenvolver através da cooperativa. Eu não conversava com ninguém, não falava não, eu engolia todas as coisas, vivia dentro do hospital porque acontecia as coisas erradas e eu ao invés de falar eu engolia e acabava sempre em úlcera nervosa e eu acabava dentro de um hospital. E através da cooperativa eu parei e pensei bem e quando o pessoal falava duas palavras e eu não gostava eu falava cinco ou seis para ela, aí eu fui indo e descobrindo os limites deles, a minha forma de falar e procurei mostrar para as pessoas que eu tenho um jeito e que o meu jeito é esse, o dia que eu estou muito contente é o dia que parece que eu estou a mais brava do mundo, e é totalmente o contrário, então o pessoal começaram a perceber o jeito que eu sou.

Através da cooperativa eu aprendi muito, principalmente a entrar na prefeitura, eu não sabia com quem falar, tanta coisa que acontecia olha um falou não sei o que, um foi cassado, eu não sabia como, quando eu ia chegar e falar com alguém da prefeitura, eu não falava com ninguém não, eu só escutava... e via que tava errado e continuava naquilo mesmo, e por fim eu fui falando, falando e hoje eu falo demais da conta (risos...) passo dos limites, mas eu aprendi bastante.

Aprendi muita coisa e aprendi principalmente a ver como as pessoas funcionam, como é o ser humano, que coisa difícil! Você faz uma coisa não tá bom, você luta por outro lado não tá bom, quando você pensa que tá todo mundo contente por de traz tá tudo pegando fogo e foi muito difícil saber que não é a sua satisfação, mas que é a satisfação deles, ou então que é a metade, que é só um pouquinho, quando você está contente e acha que eles estão contentes, tem alguma coisa para eles que não tá bom, é esquisito, o ser humano é esquisito, não é fácil você conversar com eles e descobrir o que eles querem, o que eles estão pensando que nem sempre eles falam, nem sempre eles gostam de falar então não foi fácil.

Eu procurei fazer com eles como se fosse uma assistente social, fala que eu vou escutando, aquilo que eu puder ajudar eu vou ajudar para ver se eu conseguia ter um relacionamento com eles. E enfim eu consegui me manter aqui na diretoria até agora, porque tem horas que eles tem uma necessidade tão grande que não é de comida, que não é de dinheiro, sei lá, é uma necessidade de... Também não é de alguém falando com eles de alguma coisa, mas é uma necessidade que eu não sei se é de ficar parado, de pensar ou então de ficar pensando que a gente está pensando a mesma coisa que eles, parece que isso ajuda. Até isso eu aprendi com esse pessoal daqui, até isso aqui foi uma experiência muito grande, porque... Tivemos um tempo aqui que a Ana (ex - cooperada da Bonsucesso)

chegava e conversava com todo mundo, menos comigo, Ana o que está acontecendo? Nada. Teve um dia que eu falei: não gente, alguma coisa está errada. Ai eu chamei ela, estava costurando e falei: Ana fala o que está acontecendo, porque eu nunca chamei a sua atenção, e você sempre esteve aqui, tem anos que você está na cooperativa e alguma coisa está errada, e ela começou a chorar e ela chorou tanto que eu pensei “ai meu Deus do céu acho que eu toquei em algum lugar que eu não devia” e ela começou a chorar. Não era problema aqui, não era problema em casa, não era nada, era um coisa assim que não era nada, não tinha nada a ver com nada, e de certa forma me envolvia. Eu comecei a pensar que não era assim, que não tinha sentido, não tinha cabimento, ela transformou um problema dela em mim, e ela nunca chegou em mim para falar nada, e foi difícil descobrir o que é que era, não foi assim de um dia para o outro não, acho que foi uns dois, três meses assim e depois que a gente parou e conversou passou.

Tivemos muitas dificuldades muitas pessoas com problemas. Pessoas com problemas com advogado, eu fiz cada papel que eu nunca imaginava que eu ia fazer na vida (risos), coisa que eu não sabia e eu não tinha como saber, quer dizer, por Deus né, eu conseguia passar para eles uma coisa que eu não sabia, teve uma senhora aqui que ela veio, uma senhora, a Val (ex- cooperada da Bonsucesso), a gente estava tudo trabalhando e chegou um homem aqui, era um homem que ela teve um relacionamento antes, tinha uma firma antes e de repente o rapaz veio, queria desmanchar a firma e não sabia como fazer isso. Ela não sabia, mas ele sabia. Ele tava passando a firma para o nome dela com uma dívida de R\$5.000,00 e dizendo que tava tudo certo, que tava tudo ok. Pegamos esse papel, lemos, passou na mão de um, passou na mão de outro e aí eu consegui passar para ela que tinha alguma coisa errada, e aí ela procurou um advogado e viu que tava errada, que era uma situação literalmente errada, quer dizer ele tava transferindo a dívida para ela, que são coisas que eu não faço a menor idéia de como funcionam, são situações que você vai aprendendo no dia a dia.

Acho que se hoje eu sáisse da cooperativa eu conseguiria viver muito melhor do que há 25 anos atrás, que eu não sabia, aos 25 anos eu não tinha noção de nada (ela tem 39 anos atualmente), depois dos 25 anos com tanto médico eu parei para pensar mas eu não tinha condição de falar ou expor aquilo que eu tava pensando, e de quatro anos para cá eu consegui fazer as 2 coisas. Foi uma experiência fora do comum, para quem briga hoje pra caramba, nossa!

E eu tenho aquela coisa de proteger. Sabe aquela... a maioria das brigas aqui dentro foi no sentido de proteção, e eu sempre falei para eles “gente, se aparecer alguma pessoa aqui no portão querendo ser mais do que vocês ou qualquer coisa, vocês podem ter certeza de que eu vou defender, pode ter certeza de que do portão para dentro ninguém vai ofender ninguém, só que por outro lado eu mesma fazia isso mas no sentido de que eu falava para as pessoas não cometerem erros, porque todos

os erros que vocês cometerem vocês vão sofrer com eles, mas eu não sabia passar isso pra ninguém. Eu brigo, brigo, brigo, mas é sempre neste sentido, não que eu me sentisse errada, mas era como se eu fosse, se eu fiz alguma coisa errada, eu estava pagando por aquilo, mas na minha adolescência eu tive uma história, sei lá como, é difícil até de explicar, eu não tive experiência no meu sofrimento, eu tive experiência no sofrimento dos outros passou a ser sofrimento para mim, então aquilo que os outros cometiam eu não permitia que as pessoas que estavam na minha volta, que estavam sobre a minha responsabilidade cometessem o mesmo erro para que elas não sofressem, aí virou um sofrimento cruel pra mim, é muito sofrido, se alguma pessoa falasse alguma coisa de errado pra mim e eu via que tinha uma outra pessoa perto e eu via que ia chamar a atenção, ia tirar sarro e aquela pessoa ia ficar triste, constrangida, eu entrava no meio, eu interferia em tudo porque eu não aceitava o sofrimento das pessoas, então era muito difícil.

Briga, briga, briga e eu era a chata, mas a minha chatice não era no sentido de eu quero mandar, eu quero ser dona, eu quero ser aquilo, era mais aquela proteção, está sob a minha responsabilidade, a carga era muito grande e eu não via as pessoas como se elas fossem simplesmente gente estranha. Era como se fosse alguém de mim, alguém de minha família que eu tinha que proteger a qualquer custo.

Por isso eu briguei muito e consegui muita inimizade com o pessoal que trabalhou aqui por causa disso, mas a minha preocupação era essa, era passar para eles para eles não cometerem o mesmo erro e não foi fácil chegar à conclusão que eles iam continuar a cometer o mesmo erro porque quando eu vou para a casa cada um tem a sua vida. Aqui dentro parece que eu tô olhando, eu tô vigiando, mas e lá fora? Não foi nada fácil, foi muito difícil, e ainda hoje é assim. Eu fico olhando, presto atenção, não tá bom, é que nem o seu Batista na reunião, eu fico de olho no seu Batista (trabalhador de outra cooperativa). Porque antes o pessoal prestava atenção nele, era outras pessoas, mas hoje não, hoje além do pessoal não prestar atenção nele está tratando ele com uma indiferença muito grande, e eu fico morrendo de dó, eu fico olhando para a cara dele e pensando que o primeiro que ofender eu entro no meio, o primeiro que falar qualquer coisa que vai causar qualquer mal para ele eu entro no meio, sabe naquele sentido de proteção, naquele sentido de que não é para estar sofrendo, a situação não é essa, o objetivo não é esse. E isso é ruim, é ruim porque a gente puxa muita briga.

Eu arrumo muita briga e não sou corajosa não... nem um pouquinho, mas não sou corajosa de jeito nenhum, não sou mesmo, vou dizer a verdade, eu tenho medo de tudo. Tenho medo de arma, tenho medo de briga, tenho medo de tudo quanto é coisa e faço de tudo para não demonstrar. Se eu chegar ali alguma coisa vai acontecer, mas se você passar um pouquinho pra cá não vai acontecer. Mas eu procuro passar para as pessoas que vai. Eu ando na rua olhando para trás para ver se vai acontecer

alguma coisa, alguém ficou doente lá longe eu fico procurando sintomas em mim. Tal dia eu senti isso, eu sou medrosa para tudo quanto é coisa.

2 - Porque eu gosto das pessoas, eu gosto de brigar por causa delas, eu gosto de descobrir o que é que tem, o que é que deixa de ter, o porquê daquilo, como aquilo está acontecendo, o que é que dá para ser feito, quem é que eu vou encarar, pra quem que eu vou contar o que aconteceu, se alguém da prefeitura chegar aqui eu sei conversar, eu vou fazer um esforço para conversar, porque, porque eu continuo sendo uma pessoa como todo mundo, buscar, saber o que é que está, o que é que está acontecendo sem contar que eu sou apaixonada pela natureza.

Se eu pudesse eu estava morando lá no meio da Amazônia, bem lá no fundo. Eu fico olhando aquelas reportagens de pessoas que moram lá no fundo, lá no meio do mato, para mim eu estava lá, ali era o meu lugar. E eu não conformo de alguma coisa que foi emprestada pra gente e está nesta destruição toda. Então eu acredito que, eu vejo assim, se eu construir uma casa e alugar ela para alguém não é porque ela tá alugada que a pessoa vai destruir, eu quero que ela continue exatamente aquilo que eu fiz, eu não quero que mude, então eu acho que tá tudo destruído, a chuva quando vem tá forte demais, porque mudaram o rio de lugar. Você anda na rua e é só sujeira, mudou o tempo, você não consegue respirar direito. Eu tenho bronquite e começa, e a cooperativa veio por causa disso. Não é só para gerar renda, mas também para limpar um pouco, para a gente ter um pouquinho de ar para a gente respirar que é o que a gente não tem. Esse é um dos meus principais objetivos. Tanto é que quando eu me mudei para cá eu ligava para tudo quanto é empresa. Liguei para o pessoal da Lacta, liguei para a Nestlé, liguei para o Café Pelé, fui ligando para todo mundo porque o material deles não tinha nenhum tipo de identificação. A moça da Nestlé ligou para mim de volta e perguntou que se a empresa não colocasse a identificação o que é que eu ia fazer. Eu disse que a única coisa que eu ia fazer era estar passando para o máximo de pessoas possíveis que o material de vocês é só gostoso por dentro porque por fora ele faz um mal terrível, tirando isso daí eu não vou estar fazendo mais nada, eu não quero o dinheiro de vocês, eu não tenho a intenção de processar vocês de qualquer maneira, eu só quero que vocês identifiquem o material que vocês estão pondo na rua, porque é mais fácil de a gente trabalhar com ele aqui fora, sabe eu fui ligando, ligando, peguei uma empolgação tão grande que eu acreditei que agora eu ia limpar o mundo (risos), porque eu queria aquilo identificado, aquilo que eu não sei eu quero saber o que é que é, foi um tempinho muito gostoso. Mas você sabe que agora a maioria dos materiais estão vindo identificados, eu sai ligando e isso é muito gostoso na cooperativa. E gostoso porque além de você ter história para contar tem pessoas que você conseguiu fazer cair na real, que a coisa tá grave. Essa é a parte boa da cooperativa.

3 – Sabe que eu não parei para pensar no que funciona bem na cooperativa? Mas uma coisa eu sei. Eu acho que o mais gostoso que funciona é receber o pessoal, talvez você ache que eu esteja falando muito do pessoal, receber o pessoal, mas é a parte gostosa, quando chega alguém na cooperativa e pede serviço e a gente tem, e o pessoalzinho daqui de dentro recebe muito bem o povo quando vem de fora. Isso funciona muito bem.

Conversar com eles não passando uma obrigação, mas passando uma conversar assim, que seja o assunto da cooperativa. Eles se integram muito bem, isso funciona muito bem na cooperativa, por mais que pareça que a gente tome a decisão sozinho, mas não é verdade, porque todos eles contribuem. Porque às vezes a gente pára e senta ali na hora do almoço ou na hora do café da tarde e junta todo mundo, um fala uma coisa, outro fala outra coisa e com isso a gente acaba conseguindo tomar um monte de decisão. Acho que isso funciona bem.

Não sei (fica pensativa...). eu acho que o mais difícil, o que deixa a gente com mais dificuldade é o fato de a gente não ter planejado ter vindo para cá. Porque você roda com as coisas e está sempre desorganizado, por mais que você luta está desorganizado. E isto de certa forma causa um certo transtorno, causa irritação, não só para a gente que fica limpando, mas para eles que ficam lá triando. Isso é a pior coisa que tem na cooperativa, foi ter vindo sem ter um planejamento. Isso eu acho que foi a pior coisa. A gente saiu do DLU e veio pra cá sem absolutamente nada, sem água, sem luz, sem nada, isso daqui era o lugar onde tinha pessoas andarilhos, drogados e aqueles bichas de lá de cima, esse era o ponto deles, então isso aqui era um horror, estava cheio de mato, não teve como a gente planejar aquilo que ia acontecer. Não tinha como mudar o prédio, como até agora não pode, isso é a pior coisa para se ter em uma cooperativa. É você não ter como guardar as coisas de um modo decente. Se você tem uma visão da cooperativa limpinha, arrumadinha, cada coisa em seu lugar é muito bom para trabalhar e não é só para mim não. Para eles também, porque eles não vêem aquela necessidade de ter que parar aqui para ajudar ali. Se tivesse tudo no lugar o trabalho aconteceria sem interrupções.

4 – eu não vou dizer para você que é insuficiente não porque eu não sou ambiciosa. Não quero ter carro, casa, etc. eu acredito que eu tenho que ter aquilo que foi confiado a mim, que é para ser para mim, então eu não tenho aquela necessidade grande de ganhar mais. Então seu eu ganho R\$50,00 tá bom, seu eu ganho R\$100,00 tá bom, se eu ganho tanto tá bem, se eu ganho nada tá bom... de vez em quando eu faço isso (deixa de ter retirada para aumentar a retirada dos outros cooperados).

Estou pagando uma taxa terrível no banco, só que eu não esquento a cabeça porque eu não tenho aquela vontade de ter, de possuir, disso, daquilo, eu gosto mesmo é da minha cervejinha no final de semana, o cigarro que eu estou lutando para parar e sossego... só é a única coisa que eu peço. Eu só

Eu gosto de ficar sem, mas também não tenho aquela necessidade de ter muito, então não ligo muito não, não me preocupo com isso não.

Eu sou sozinha, mas as pessoas que estão aqui tem família e eu acho que elas tem que ganhar um pouco mais. Mas para mim eu não vejo aquela necessidade. Tem hora que faz falta, tem hora que eu queria fazer tal coisa, mas é uma coisa que passou, entendeu? Não deu não deu, passou. Então com isso eu vou indo, eu acredito que é mais pelo fato de eu não ser ambiciosa, é não querer ter, eu vou morrer e vai ficar tudo aí, eu gosto de ter aquilo que eu gosto, e aquilo que eu gosto é muito pouco então eu não tenho muita necessidade.

5 – Eu aprendi a falar. Piorou porque antes eu não falava e só levava. Agora eu aprendi a responder e fico mais afastada. Se alguém falar alguma eu fico pensando que eu vou responder. Por um lado foi bom e por outro não foi tão bom assim. Mas tirando isso daí não tem mais nada, nada piorou. O ponto foi esse: eu aprendi a falar, eu aprendi a questionar e isso causa um pouco de medo. Por um lado você se aproxima de alguns e por outro você se afasta, porque ninguém gosta de estar errado e estar ouvindo aquilo naquele determinado momento, eles querem ouvir uma mentira e eu costumo ser meio taxativa: é aquilo e pronto.

Também, isso aí também foi bom porque eu consegui ter um pouco de sossego, eu trabalhava só para os outros eu nunca trabalhei para mim, então agora eu trabalho para mim, eu trabalho para aquilo que eu quero, porque agora eu aprendi a pensar em mim, e não só na minha mãe, nos meus irmãos, nas dívidas deles, eu trabalhava para eles. Agora não, eu aprendi a olhar para mim, não tenho não, fecho minha porta e vocês se viram, eu tenho que me preocupar, mas cada um tem a sua vida, qualquer coisa pode acontecer, então não adianta eu ficar sofrendo por vocês.

Isso daí foi uma maravilha, aprender a falar foi bom demais, uma das coisas mais gostosas da cooperativa, eu aprendi a falar, foi muito bom aprender a falar não tudo, porque nem sempre a gente fala tudo, mas aquilo que eu acho que não tá bom pra mim, que não é isso eu chego e falo mesmo, sem me preocupar se não vão mais gostar mais de mim, então não tem problema. Essa parte foi a mais gostosa de todas, eu aprendi a abrir a minha boca e decidir aquilo que é bom para mim, isso é muito bom.

6 – Olha, só se a cooperativa não estivesse mais precisando de mim, se ela estivesse bem, sossegadinha, eu ver que as pessoas chegassem à conclusão de que é realmente aquilo aí sim. Aí eu sairia. Hoje não, primeiro que eu ainda não aprendi o suficiente e segundo porque ainda tão precisando, o pessoalzinho ainda não chegou à conclusão de que é dono, de que manda, então tem que ter aquilo lá,

se chegar alguém aqui saber dizer que manda, a situação é essa, nós decidimos desse jeito, a situação não vai mudar.

Quando chegar alguém lá no portão e eles souberem dizer que a cooperativa é minha, desse, desse e desse e a situação é essa daqui e acabou aí sim, aí não teria qualquer problema, mas tirando isso daí eu acho que a gente ainda não está com aquele grupo para ter isso. Cada um está dentro do seu limite, cada um sabendo o que vai responder. Então por enquanto eu não sairia. A não ser mesmo por uma força maior, mas caso contrário não.

Entrevista 2

1 – Eu comecei a trabalhar no dia 15 de dezembro de 2004, vai fazer um ano que estou aqui.

2 – Porque eu estava desempregada, porque eu não tinha como trabalhar, porque eu tenho problema na coluna e não tenho como trabalhar. Então eu pensei em ir lá (na cooperativa) porque o serviço é mais leve do que trabalhar de faxineira, então eu vim aqui, até pensei que a Dete não ia me pegar por causa desses problemas meus e idade também (58 anos). Então eu vim aqui, comecei a trabalhar, gostei do serviço e estou trabalhando. Que pena que eu estou quase parando de novo por causa da coluna.

Estou tentando procurar um médico, o meu médico me falou que o meu caso é aposentadoria por invalidez, porque ele tirou tudo de mim. Não é para mim andar, não é para mim varrer, não é para mim subir escada, não é para mim trabalhar, é para eu viver de brisa. Uma pessoa que fica parada, não tem quem te ajuda não tem quem te dá nada, não paga uma conta, como é que fica parada?

3 – Aqui normalmente tudo funciona bem dependendo do jeito de fazer. O material funciona bem, o trabalho da gente está funcionando bem, o modo que a Dete colocou a gente para trabalhar está funcionando bem, o material quase já não fica mais no chão porque chega e a gente já pega, esse mesmo que a gente tá fazendo chegou hoje e já tá acabando. Eu pelo menos não peguei nada aqui de difícil para fazer.

4 – Não, não dá nem para o começo. Muito pouco, sou separada, tenho filho e neto.

5 – Não melhorou nada e não piorou nada. Eu não podia trabalhar, estou afastada do serviço já faz 2 anos.

6 – Eles não me pegariam por causa do meu problema na coluna. (insisti na pergunta, sem contar o problema na coluna). Eu iria porque eu trabalhava registrada, ganhava mais, com certeza, porque aqui a gente ganha o que vende, se vender ganha, se não, não ganha, se trabalhar ganha, se não trabalhar, não ganha, mas eu já entrei aqui sabendo disso e fiquei.

Entrevista 3

1 – Está fazendo três anos.

2 – Porque uma amiga minha estava trabalhando aqui e falou para a minha irmã que falou para mim. Daí eu fui trabalhar no DLU e depois aqui e aqui nós ficamos. Eu estava desempregada e cuidava de uma sobrinha. Eu trabalho porque eu preciso, sou sozinha, minha filha está parada e eu tenho que manter a casa, pago luz, pago água, gás, eu não tenho marido, não tenho ninguém aí eu tenho que arrumar serviço.

3 – Não sei não. É melhor estar trabalhando do que ficar em casa, porque em casa não tem nada e trabalhando, mesmo que pouco eu tenho. Um dinheirinho para comprar alguma coisa, pagar gás, pagar luz e a água, isso ajuda, e estando em casa eu não tenho nada. Eu nunca trabalhei em casa de família, quando eu cheguei aqui eu fui tomar conta de uma sobrinha e fiquei morando na casa de um primo. Até que eu comprei uma casinha e vim para cá, eu não morava aqui, eu morava em Campinas.

Não tem nada difícil, não tem nada. Eu chego aqui e separo tudo. Já sei separar papelão, papel branco, sacolinha, já sei fazer tudo.

4 – Tem vezes que eu pago a luz, pago a água. Tem vezes que eu compro gás. Eu não consigo fazer tudo. Se eu for fazer tudo não dá. Agora eu mudei de casa e não sei se as contas vão ser mais baratas, mas de qualquer jeito não dá. Se eu for fazer uma feira bem feita mesmo não dá. Não dá para comprar carne sempre, a gente faz o que dá. Não dá para passar bem e ainda minha filha teve um neném.

5 – Nada piorou. Melhorou porque vocês dão a cesta, aí melhorou. Em vez de comprar a cesta agora eu compro a carne, uma verdura, fruta, o que dá para comprar eu compro, o que não dá não compro. A carne está muito cara, a fruta também. A gente compra o que precisa, o que não precisa a gente não compra.

6 – Se fosse melhor... ganhar melhor, ganhar R\$200,00 e a cesta aí era melhor, aí eu sairia.

Entrevista 4

1- Eu entrei na cooperativa porque eu trabalhei em um lixão, então o lixão foi fechado em Hortolândia. Então a prefeitura de Hortolândia arrumou uma frente de trabalho para quem trabalhava no lixão, mas a gente que era de Campinas ficamos sem lugar para trabalhar. E aí eu fui pedir para o Toninho (ex-prefeito) se tinha alguma coisa relativa a isso, uma frente de trabalho ou qualquer coisa em que a gente pudesse se encaixar. E aí ele falou para mim que não tinha, que ele iria estar vendo para formar umas cooperativas em Campinas. E aí a gente continuou, eu indo lá até que ele indicou o

William (Higa – ex-diretor da Fundacentro), para ele vir explicar para a gente o que era cooperativa e aí a gente começou com as reuniões até que formou a cooperativa e aí a gente veio trabalhar. Foi em 2001 que a gente começou a trabalhar, mas as reuniões começaram antes, mais ou menos 6 meses antes. Desde 2001 eu estou na cooperativa.

2- O meu motivo de trabalhar na cooperativa é porque, olha, pela idade que eu tenho eu não arrumo serviço em outro lugar, eu sou considerada velha (rs...). Eu tenho 51 anos e mesmo eu tenho o meu menino, ele estava estudando e não tinha condições de comprar material de escola e nada para ele, eu não tinha mais. O meu marido desempregado, passou a beber, quer dizer, já piorou mais ainda, e pra eu poder fazer tudo isso eu tive que arrumar um lugar pra trabalhar, senão não tinha jeito e aí eu comecei a trabalhar na cooperativa e eu gosto daqui. Eu acho legal, o jeito de trabalhar.

3- O sistema de trabalhar eu acho que está bom, eu acho que está bem aqui na cooperativa. Eu acho que é isso, o sistema de trabalhar, o sistema de conversar com todos, todo mundo se une, eu acho que é um sistema bom de trabalhar. Porque todo mundo é unido, todo mundo conversa, é uma coisa agradável de ficar, eu gosto.

No momento o que está mais difícil mesmo é o lugar que a gente está e mais o salário mesmo que está muito baixo. Estamos ganhando muito pouco dinheiro e está complicado. Eu não sei se a gente não está sabendo vender ou o que é que é. Mais o resto dá para levar.

4- Não é. A gente espera que melhore porque não é suficiente.

5- Eu acho que melhorou sim, porque a gente ficando dentro de casa parece que a gente fica mais apertado, também a gente conversa menos, só com as pessoas que moram com a gente. Aqui não, a gente conversa com todo mundo, sei lá, a gente fica mais espontâneo, se sente melhor em tudo, até na saúde, a gente se sente melhor. A gente fica em casa, só faz serviço de casa e não tem muito o que conversar, não tem muito o que falar, não tem muito o que aprender. Aqui a gente aprende, conversa com um e com outro, aprende.

Nada piorou na minha vida, nada piorou.

6- Eu acredito que não, porque eu já me acostumei a esse sistema e gosto desse sistema. Eu já trabalhei em empresa e sei que é muito diferente.

Entrevista 5

1 – Eu estou trabalhando na cooperativa há 1 ano e meio. Está sendo bom, um pouco de altos e baixos, no começo a gente tirava melhor, mas agora tá um pouco mais complicado, o preço do material andou caindo, tá um pouco mais difícil. O pessoal tem sido bom, apesar de não ter ficado todo mundo, a rotatividade do pessoal tem sido alta, mas todo mundo que entrou tem sido boas pessoas.

2 – Porque eu nunca consegui emprego no mercado. Eu não sei bem porque, mas todas as minhas tentativas foram mal sucedidas, entrevistas, testes, está muito difícil. Ai eu tive uma chance aqui. No começo eu vim só para ajudar e agora eu acabei ficando, acabei gostando do lugar.

3 – Porque é só a gente, é algo mais pessoal, é mais família, acaba não sendo uma relação patrão-empregado, é uma relação mais família mesmo, um ajuda o outro. Isso acontece aqui, mesmo que o pessoal não ache, acontece. Um ajuda o outro mesmo sem saber. Isso no tempo fica normal. Você faz, é por instinto.

Eu gosto de tudo, eu gosto do trabalho daqui. Eu não gosto quando a Dete coloca as músicas da rádio aleluia, aí eu não gosto.

4 – Não. Ajuda, mas não é suficiente.

5 – Melhorou o meu jeito de ser. Eu não estou dependendo tanto dos meus pais para arrumar dinheiro, eu tenho mais noção, eu era mais sem noção do que eu sou. Eu sou uma pessoa melhor, eu adquiri mais responsabilidade, ajudo em casa, tenho mais consciência do que está acontecendo, e também estou vendo que a situação não é fácil, se ninguém ajudar, eu não sei onde é que vai parar.

Eu estou me divertindo menos, estou tendo menos tempo para jogar bola, para me divertir com os amigos, mas estou aprendendo a me organizar para fazer isso.

6 – Se a oferta fosse realmente boa eu até sairia. Carteira assinada, INSS, plano de saúde, vale transporte, eu até sairia, mas se não eu acho que ficar na cooperativa é melhor. É melhor porque aqui todo mundo se conhece, é algo que eu sei o que está acontecendo. Em uma empresa eu somente ficaria ali para cumprir o meu papel e não saberia o que está acontecendo, não saberia quais são os problemas, quais são as soluções. Eu iria dar o mínimo de contribuição, somente com o trabalho. Aqui não, aqui você dá opinião, ajuda no que você puder, você faz tudo para que isso aqui vá para frente. Porque isso aqui não é um projeto de uma pessoa, que está ali porque está sendo pago, é um projeto seu, boa parte do seu tempo e do seu trabalho é investido naquilo. Você quer que aquilo dê certo realmente, apesar de nem tudo dar certo no caminho, mas não tem problema, se não dá certo, você volta e continua.